ANO II
ED. 12

COLORS dj

NASKA REGINA

"LINHAS QUE SE DESTRINCHAM EM MUITOS CAMINHOS COMO SERPENTES ELOQUENTES"

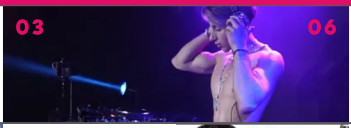
COLORSdj

ANO II - Ed. 12

ÍNDICE

MÚSICA

03 **ENTREVISTA**
Conheça Byron Style: A euforia em pessoa



06 **ENTREVISTA**
Conozca a Byron Style: La euforia personificada

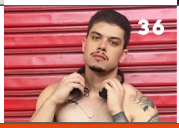
09 **ENTREVISTA**
Apresentamos, DJ Andy Doctor

13 **DESTAQUE**
DJ Jeff Thomas: 21 anos de muito profissionalismo e dedicação

16 **DESTAQUE**
Má Rodrigues, a rainha do "Tagaragadá": ela que conquistou todos os públicos e é fenômeno na atualidade

21 **MATÉRIA**
ENTRANCE 2022: O retorno de um antigo e influente player do cenário nacional de Psy Trance que ressurge como um evento impressionante

23 **COLUNA**
Vivência Kalachakra Festival: Uma experiência materna na resistência psicodélica do cenário carioca

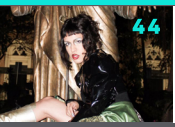


36 **REVELAÇÃO**
DJ Matheus Schuenck: O verdadeiro rosto por trás da máscara

PROFISSÃO

40 **ENTREVISTA**
Bruno Rezende aka Neraz, o nome por trás do Tracks Insanas

I.D.



44 **ENTREVISTA**
Naska Regina: "Linhas que se destrincham em muitos caminhos como serpentes eloquentes"

REVISTA DIGITAL INTERATIVA

COLORSdj
ANO II - Ed. 12

ÍNDICE

VOZES

48

48
COLUNA
SAVEDA
Palavriado:
ser homem gay

ENTREVISTA

Conheça Byron Style: A euforia em pessoa

Byron John traz a coragem e a certeza de onde quer chegar e por isso hoje apresentamos um pouco mais da sua trajetória com a música, em especial, como o Tribal House.

Imagine alguém que começa o seu contato profissional numa banda de metal e que ao se deparar com o Tribal House em uma viagem destemida à Cidade Maravilhosa vira o jogo musical de sua vida num 360° que se encaixa perfeitamente com a sua personalidade bem "**Euphoria**".

Aqui nesse bate-papo super especial, vocês vão conhecer um pouco dessa história maravilhosa de um jovem de família Hispânica Chilena, bem promissor, que se preocupa tanto com o visual quanto com a sonoridade perfeita. Confira agora com exclusividade essa entrevista:

> **"...Eu sabia que incomodava as pessoas, então exagerei mais na maquiagem, ... sabe que é uma atitude perante a vida de ser quem você é."**
>
> Byron Style.

Vamos começar a pular para o seu passado, quando você começou a ter um contato direto com a música. Quem eram suas referências, seus ídolos e como era sua relação geral com a música antes de se tornar um DJ profissional?

O que vou contar é uma raridade, mas meu primeiro contato direto com a música foi tocando em uma banda de metal. Quando eu era adolescente, um colega de escola me ensinou a tocar guitarra e me ofereceu para tocar em sua banda de metal tributo ao **Slipknot**. Eu na guitarra, acho que é a coisa mais esquisita que já fiz na vida, além de ser gay, coisa que não escondi de ninguém na época. Eu maquiava meus olhos em todas as apresentações que fomos. Eu sabia que incomodava as pessoas, então exagerei mais na maquiagem, gosto de provocar as pessoas, sabe que é uma atitude perante a vida de ser quem você é. Eu também sempre fui um admirador da **Madonna**, eu cresci desde pequeno assistindo ela e aprendendo com ela. Ela é minha maior referência musical em vários aspectos, como como me vender.

Quando ocorreu e o que aconteceu para você sentir que seria legal se tornar um DJ?

Foi quando a rotina do meu trabalho estava me matando, percebi que não estava trabalhando no que realmente gostava, precisava encontrar algo para trabalhar não só por dinheiro, mas por prazer e o que mais gostava era de sair para festas. A partir desse pensamento me ocorreu tornar-me DJ, eu queria trazer felicidade para as pessoas, eu queria fazê-las sentir como eu me sentia na pista de dança, aquelas emoções extremas de euforia, amor e felicidade, você sabe o que eu estou falando (hahaha).

Assista: Teaser Byron Style - Intense Live Show

Você aprendeu a tocar com o DJ chileno Rafa Fernandez, como foi esse processo?

Eu conhecia o Rafa há muito tempo no **Club Divino** em Viña del Mar, um dia vi um anúncio que ele estava ensinando, naquele momento eu disse: "*Esta é a minha oportunidade*" e todas as oportunidades que vejo não as deixo escapar. Foi um processo difícil no começo, mas nunca desisti, tive que aprender, disse na minha mente: "*Isso é o que vou fazer por toda a minha vida*". Anotei tudo o que ele me contou em um caderno, bebi xícaras de café para ficar bem atenta e poder me lembrar do que ele me ensinou (hahaha). Enfim, aprendi, custou, mas valeu a pena e, hoje, estou criando meu próprio estilo de tocar.

Após o seu primeiro ano no curso de DJ Rafa Fernández, o que você fez para fazer a diferença em suas apresentações?

Para diferenciar meu trabalho, dei muito valor ao visual, fazendo lives, criando vídeos, dando um tema para cada set. Obviamente, sem descuidar do aspecto musical, que acho que, com meu último set, estou conseguindo mais perto do que quero refletir mais, ainda estou definindo meu estilo que acho que vou terminar de selar com meu terceiro set e quando aprender a produzir.

"Twink from Rio" 27-07-2022 / Diseño de portada: @lorenatognia.estilista
Design da capa: @lorenatognia.estilista.

Considerando que você lançou recentemente o set "TWINK FROM RIO" em homenagem à Cidade Maravilhosa. Qual é a sua relação com o Rio de Janeiro e o Brasil?

Com o Brasil, principalmente com o Rio de Janeiro, tenho uma relação de amor muito forte, a primeira vez que visitei o Brasil foi quando eu tinha 19 anos, não tinha contado a ninguém da minha família que tinha passagem de avião para o Rio, até que chegou o dia e eu disse a eles pela manhã que eu estava saindo em 4 horas. Minha mãe queria me amarrar, ela é espanhola e seu sangue espanhol estava fervendo… Imagine aqueles gritos, ela me repreendeu indagando como eu pensei em viajar sozinho para um lugar que eu não conhecia e eu disse a ela: "*Vá para o diabo, que já sou maior de idade*". Finalmente, escapei de casa com minha mala e minha passagem (hahahaha). Eu só queria viver minha vida!!! Depois dessa primeira visita, visitei o Brasil mais 6 vezes, tenho amigos, muitas histórias e boas lembranças que sempre estarão no meu coração. E musicalmente, descobri tribal house no Rio na **The Week Rio**, naquela época era um gênero que ainda não havia chegado ao Chile.

Ouça: Twink From Rio - Byron Style

Depois de todos esses anos de história com o Rio, eu queria refletir musicalmente no meu novo set o que é a noite carioca, daí o jogo de palavras **TWINK FROM RIO** que se você pesquisar Xvideos pela palavra TWINK você descobrirá quem eles são (hahaha). Nesse set, trabalhei com muitos produtores brasileiros como o **DJ Fernando Ruiz** e o **DJ Felipe Araujo**, também com o **DJ José Vásquez** (chileno) que mora no Brasil há anos. Esse set é um presente para aquela cidade, eu adoro os brasileiros.

> **"Estou sempre trabalhando, melhorando o que já fiz. Enquanto todo mundo dorme, eu continuo trabalhando e trabalhando."**
>
> Byron Style.

Byron Style e Jose Vasquez

Com pouco mais de dois anos de carreira, você já está conseguindo uma certa ênfase. Você acha que isso também tem a ver com a forma como você entrega sua identidade visual?

Sem dúvida que sim, é uma mais valia que poucos exploram, embora sempre acreditei que não chega. Estou sempre trabalhando, melhorando o que já fiz. Enquanto todo mundo dorme, eu continuo trabalhando e trabalhando. Às vezes, fico obcecado com um som que não se encaixa e me tranco o dia inteiro para melhorá-lo. Se eu não tenho que comer eu não faço isso até que o trabalho esteja feito, esse nível de obsessão durante este ano me trouxe consequências, eu tive que começar a tomar pílulas para conseguir dormir por causa da ansiedade que o lançamento meu último set gerou em mim e que o trabalho será bem feito.

Passei muito mal. São aqueles momentos que você fica pensando a noite toda sem conseguir dormir, sou meio exagerado (hahaha), mas acho que valeu a pena pelos resultados que consegui, gosto de sangrar e suar (hahaha).

Por que escolher a cena Tribal?

Escolhi Tribal porque é o gênero que mais conheço. Como mencionei, eu o conheci na **The Week do Rio** e quando ele ainda não havia chegado ao Chile, eu já tinha conhecimento prévio. Além disso, é o gênero que mais me faz sentir eletricidade no corpo em festas que têm homens e é um ambiente tão agradável.

Veja Ensaio: El mes del Orgullo Gay

Como é representar a comunidade LGBTQIA+ dentro dessa cena eletrônica nos dias de hoje?

Dentro do mesmo ambiente de festa gay é fácil e amigável, mas quando tive que ir ao público heterossexual tenho notado que tive incidentes muito desagradáveis devido à minha orientação homossexual. Mas, para mim tanto faz e tanto fez: mando pro inferno e faço o meu trabalho.

Quais foram os principais selos que você já se apresentou e quais você sonha em se apresentar?

Ultimamente, tenho me apresentado em várias festas na costa central do Chile, principalmente para o público heterossexual, e quero muito sair dessa bolha e estar em festas para o público **LGBTQIA+**, e, é claro em algum momento do Brasil já que a energia do brasileiro é única, é por isso que sempre volto.

Agora, para finalizar, o que você pode falar sobre os próximos meses para as pessoas que acompanham seu trabalho?

Bem… Eu quero dominar o mundo (hahaha). Assim que possível, quero aprender a produzir espero poder começar a lançar minhas próprias produções musicais dentro de 6 meses. Talvez, meu próximo set com produções próprias e em breve viajarei para o Brasil de férias, talvez dessa vez nos vejamos no palco.

Deixe uma mensagem para seus fãs e admiradores do seu trabalho, assim como deixe uma mensagem para os seguidores da Colors DJ Magazine:

A melhor mensagem que posso te dar é nunca desistir, siga seus sonhos e trabalhe duro e duro por eles, se você não tem que dormir não importa, vai valer a pena, seja você mesmo e seja forte e quem não gosta, vá para o inferno, a vida é uma só, a vida é hoje e é muito curta.
Beijos, meu amor.

INSTAGRAM

FACEBOOK

SOUNDCLOUD

DI AGANETTI

ENTREVISTA

Conozca a Byron Style: La euforia personificada

Byron John trae el coraje y la certeza de hacia dónde quiere llegar y es por eso que hoy presentamos un poco más de su trayectoria con la música, en particular, como Tribal House.

Imagina a alguien que inicia su contacto profesional en una banda de metal y cuando se encuentra con Tribal House en un intrépido viaje a la Ciudad Maravillosa (RIO) convierte el juego musical de su vida en un 360° que encaja perfectamente con su personalidad bien "***Euphoria***".

Aquí en esta charla súper especial, conocerás un poco de esta maravillosa historia de un joven de familia hispano chilena, muy prometedor, que se preocupa tanto por la apariencia como por el sonido perfecto. Mira esta entrevista exclusiva ahora:

Empecemos a dar un salto a tu pasado, cuando empezaste a tener un contacto directo con la música. ¿Qué personas fueron tus referencias, tus ídolos y cómo fue tu relación general con la música antes de convertirte en DJ profesional?

Es una rareza lo que te contaré, pero mi primer contacto directo con la música fue tocar en una banda de metal. Cuando era adolescente, un compañero de escuela me enseñó a tocar guitarra y me ofreció tocar en su banda de metal de tributo a **Slipknot**. Yo en la guitarra eléctrica, creo que es lo más raro que he hecho en mi vida, además siendo gay, algo que no lo escondí para nadie en esa época. Delineaba mis ojos en cada presentación que íbamos. Yo sabía que a la gente le molestaba, entonces yo lo exageraba más en el maquillaje, me gusta provocar a la gente, ya sabes que es una actitud frente a la vida de ser quien eres. También siempre he sido admirador de **Madonna**, **c**recí desde pequeño viéndola y aprendiendo de ella. Ella es mi mayor referencia musical en muchos sentidos, como por ejemplo, en cómo venderme.

¿Cuándo ocurrió y lo que pasó para que sintieras que sería genial te convertir en DJ?

Fue cuando la rutina de mi trabajo me estaba matando, me di cuenta que no estaba trabajando en lo que realmente me gustaba, necesitaba buscar algo en que trabajar no solo por dinero sino por gusto y lo que más me gustaba era salir de fiesta. De ese pensamiento se me ocurrió convertirme en DJ, yo quería entregarle felicidad a la gente, quería hacerla sentir como yo me sentía en la pista de baile, esas emociones extremas de euforia, amor y felicidad, ya sabes de lo que hablo hahaha.

Reloj: Teaser Byron Style - Intense Live Show

Aprendiste a tocar con el DJ chileno Rafa Fernandez ¿Cómo fue ese proceso?

A Rafa lo conocía de hace tiempo en **Club Divino** en Viña del Mar, un día vi un anuncio del que estaba dando clases, en ese momento dije: "Esta es mi oportunidad" y la tomé, toda oportunidad que veo no la dejó escapar. Fue un proceso difícil al principio, pero yo nunca me doy por vencido, tenía que aprender, yo en mi mente decía: "*Esto será lo que haré toda mi vida*". anotaba en un cuaderno cada cosa que me decía, tomaba jarrones de café para estar muy atento y poder guardar lo que me enseñaba (hahaha). Finalmente, aprendí, costó, pero ha valido la pena y, hoy, estoy creando mi propio estilo para tocar

¿Después que se completó tu primer año en el curso del DJ Rafa Fernández, lo que hiciste para hacer una diferencia en tus apariciones?

Para diferenciar mi trabajo he puesto mucho valor en lo visual, hacer lives, crear videos, a cada set darle una temática. Obviamente, sin descuidar de lo musical, que creo que, con mi último set, me estoy acercando a lo que más quiero reflejar, aún estoy definiendo mi estilo que creo que lo terminaré de sellar con mi tercer set y cuando aprenda a producir.

"Twink from Rio" 27-07-2022./ Diseño de portada: @lorenatognia.estilista
Design da capa: @lorenatognia.estilista.

Teniendo en cuenta que recientemente has lanzado el set "TWINK FROM RIO" en honor a la Ciudad Maravillosa. ¿Cuál es tu relación con Río de Janeiro y Brasil?

Con Brasil, en especial con Rio de Janeiro, tengo una relación de amor muy fuerte, la primera vez que visité Brasil fue cuando tenía 19 años, yo no le había contado a nadie de mi familia que tenía un pasaje de avión a Rio, hasta que llegó ese día y les conté en la mañana que salía en 4 horas. Mi mamá me quería amarrar, ella es española y su sangre española hervía. Imagina esos gritos, ella me regañaba que como se me ocurría viajar yo solo a un lugar que no conocía, le dije: "Que se vaya al diablo que yo ya soy mayor de edad". Finalmente, me escapé de la casa con mi maleta y mi pasaje (hahahaha). Yo solo quería vivir mi vida!!! Después de esa primera visita, he visitado Brasil 6 veces más, tengo amigos, (ufff) muchas historias y buenos recuerdos que siempre estarán en mi corazón… Y en lo musical, yo conocí el tribal house en Rio en **The Week Rio**, en ese tiempo era un género que aún no llegaba a Chile.

Escuchen: Twink From Rio - Byron Style

Después de todos estos años de historia con Rio, quise reflejar musicalmente en mi nuevo set lo que es la noche Carioca, de ahí el juego de palabras **TWINK FROM RIO** que si buscas en Xvideos la palabra TWINK te enterarás quienes son (hahaha). En este set, trabajé con muchos productores Brasileños como **DJ Fernando Ruiz** y **DJ Felipe Araujo**, también con el **DJ José Vásquez** (chileno) que está viviendo hace años en Brasil. Este set es un regalo para esa ciudad, simplemente amo a los brasileños.

Byron Style y Jose Vasquez

Con poco más de dos años de carrera, tú ya estás logrando un cierto énfasis. ¿Tú crees que esto también tiene que ver con cómo entregas tu identidad visual?

Sin duda que sí, es un valor agregado que pocos explotan, aún así siempre creo que no es suficiente. Siempre estoy trabajando, mejorando lo que ya hice. Mientras todos duermen, yo sigo trabajando y trabajando. A veces me obsesiono con un sonido que no queda bien y me encierro el día completo para mejorarlo. Si no tengo que ir a comer no lo hago hasta que quede bien el trabajo, ese nivel de obsesión durante este año me trajo consecuencias, tuve que empezar a tomar pastillas para poder dormir por la ansiedad que me generaba lanzar mi último set y que el trabajo quedara bien hecho. La pasé muy mal.

Son esos momentos que te quedas pensando toda la noche sin poder conciliar el sueño, soy un poco exagerado (hahaha), pero creo que ha valido la pena por los resultados que he logrado, me gusta sangrar y sudar (hahaha).

¿Por qué motivo elegir la escena Tribal?

Elegí el *Tribal* porque es el género que más conozco. Cómo mencioné, lo conocí en **The Week Río** cuando aún no llegaba a Chile, ya tenía conocimiento previo. Además que es el género que más me hace sentir electricidad en mi cuerpo en las fiestas que tienen hombres y es un ambiente tan agradable.

Ver Ensayo: El mes del Orgullo Gay

¿Cómo es representar a la comunidad LGBTQIA+ dentro de esta escena electrónica en estos días?

Dentro del mismo ambiente de fiestas Gay es fácil y amigable, pero cuando me a tocado ir al público heterosexual yo he notado y he tenido incidentes bien desagradables por mi orientación homosexual. Pero siempre me ha dado igual: yo los mando al diablo y hago mi trabajo.

¿Cuáles fueron los principales sellos que has presentado y en los cuales tienes muchas ganas de presentarte?

Últimamente, estuve presentándome en varias fiestas de la costa central de Chile, en su mayoría para público heterosexual y tengo muchas ganas de romper esa burbuja y estar en fiestas para público **LGBTQIA+**, y por supuesto que en alguna oportunidad en Brasil ya que la energía de los Brasileños es única, es la razón por la que siempre vuelvo.

Ahora, para terminar, ¿Lo que tú puedes hablar sobre los próximos meses para las personas que siguen tu trabajo?

Bueno, yo quiero dominar el mundo (hahah). En lo más cercano quiero aprender a producir espero poder empezar a lanzar mis propias producciones musicales dentro de 6 meses. Quizás mi próximo set con producciones propias y pronto viajaré a Brasil de vacaciones, quizás esta vez nos veamos en el escenario.

Deja un mensaje para tus fans y admiradores de tu trabajo, así como deja un mensaje para los seguidores de Colors DJ Magazine:

El mejor mensaje que les puedo dejar es que nunca se den por vencidos, sigan sus sueños y trabajen duro y con fuerza por ellos, si no tienen que dormir no importa, valdrá la pena, sean ustedes mismos y sean fuertes y al que no le guste que se vaya al diablo, la vida es una, la vida es hoy y muy corta. Besos, mi amor.

INSTAGRAM

FACEBOOK

SOUNDCLOUD

DI AGANETTI

ENTREVISTA

Apresentamos, DJ Andy Doctor

Ele é carioca, cirurgião dentista e, também, músico. Esse é **Andy Doctor**, que chega como DJ trazendo sua guitarra durante suas apresentações de musica eletrônica, em especial com o Tribal House.

A **Colors DJ** vem trazendo um pouco das suas preferências como artista e apresentando esse trabalho que certamente vai ganhar as pistas de todo o Brasil. Leia agora na íntegra a nossa entrevista com o **DJ Andy Doctor**.

Como surgiu esse desejo de retornar às pick-ups?

Quando me mudei para Vila Velha em 2020, durante a pandemia eu fiquei com tempo ocioso e comecei a me interessar por tribal house, ouvir música eletrônica. Logo, quando voltaram as festas, comecei a frequentar e conheci pessoas, gerando esse desejo de me atualizar e fazer um curso numa escola de DJs já querendo estudar o tribal. E comecei a conhecer melhor novas festas pelo Brasil (Rio, minha cidade, BH, São Paulo). Assim, eu fui selecionando um estilo que mais me agradava dentro da variedade do tribal house e com interesse de trazer algo novo para essa cena com a minha identidade.

Assista: Homenagem a banda Guns N´ Roses

E o mais interessante é que você também é músico, né? Fala para nós um pouco dessa identidade que você constrói nas suas apresentações.

Essa inovação partiu de mim através da facilidade que tenho com instrumentos de cordas (violão e guitarra). Então, pensei: "*por que não fazer um solo de guitarra no meio do set para incrementar os breaks?*". Comecei a estudar, treinar, ensaiar com minha guitarra solos de bandas conhecidas no mundo e artistas reconhecidos como **Guns 'n Roses**, com o solo de "*Sweet Child o Mine*" ou como um clássico "*Losing My Religion*" do **REM** e, jamais poderia deixar passar o nosso astro da música pop **Lulu Santos**, que é um grande guitarrista e cantor pop. E sempre incluo nos meus sets alguma faixa do **Lulu**, com frequência escolho a canção "*Tempos Modernos*" para o ending do meu set, pois ela também tem um solo de guitarra antológico reconhecido mundialmente.

Como você descreve a construção sonora dos seus sets? O que você gosta de ouvir e o que gosta de tocar?

Meu gosto preferido no tribal house, tanto de ouvir, como tocar, seria um som mais pesado, porém fino, com riqueza de elementos: samples, instrumentos, efeitos. Acho que a sonoridade do **Andy Doctor** combina bem com aquele momento entre o midnight e o extra-hour. Normalmente músicas acima de 130 BPM, entre 4 e 5 da manhã, em que o povo já está quebrando tudo na pista.

Andy Doctor. Foto: Divulgação.

Foto: Divulgação.

Andy Doctor./ Foto: Divulgação.

Andy Doctor./ Foto: Divulgação.

Você tem uma gama de estilos influenciando a sonoridade dos seus sets! Ouvi dizer que tem muitos trabalhos valorizando a música brasileira também! Conte-nos um pouco.

No meio da descoberta da minha identidade musical no tribal house, eu percebi que existem muitos artistas talentosos brasileiros com muita música boa e bacana dentro da MPB que rendem bons remixes e mashups. Com essa ideia, eu me aliei a um amigo produtor e DJ experiente **T-Tribe**, da cidade de Cabo Frio, no Rio de Janeiro e estamos nessa parceria de produção conjunta e temos remixes de artistas como **Johnny Hooker**, **Vanessa da Mata**, fizemos mashes até mesmo da **Amelinha**, transformando um baião tradicional num tribal extra-hour e eu **T-Tribe** ousamos fazer mashup de rap, da música "*Outro Patamar*" do **Hungria**. Entretanto, eu tenho total apreço e carinho pelo público, então eu tento sempre trazer o que o público já gosta de ouvir. As divas **Anitta**, **Beyoncé**, **Luiza Sonza**, **Rihanna**, **Lady Gaga** e também sempre dou uma palinha para os amantes do tribal funk.

Uma paixão que eu tenho que não deixo de fora do meu set são músicas para esse momento de x-hour com uma pegada de produtores latinos: México, Chile e Colômbia. Admiro grandes produtores que fazem um som muito refinado, principalmente para tocar nesse horário.

Você identifica dificuldades de se estabelecer na cena eletrônica LGBTQIA+ local?

No começo, é um pouco difícil se estabelecer quando você quer apresentar algo novo. As pessoas nem sempre estão preparadas para o novo. O novo sempre causa um estranhamento. Eu tive a sorte de conhecer os DJs da cena local que eu como carioca chegando agora ao Espírito Santo, me senti muito bem acolhido. O **DJ Vergg**, o DJ e professor **Sobrinho**, pelo **DJ Saul Felício** e é válido ressaltar que quem me deu a primeira oportunidade de mostrar meu trabalho no estado foi o **DJ Dani Marques** e seu parceiro, **Wagner Almeida**, produtores da festa **Sweat**, que me escalaram para o after da festa.

Foto: Divulgação.

Foto: Divulgação.

Foto: Divulgação.

Você se apresenta somente em eventos de música eletrônica?

Eu me apresento também em festas privadas. Gosto muito de fazer social de amigos porque eu sinto que estou tanto me divertindo quanto testando meu repertório para as grandes gigs.

Uma questão importante é que minha primeira profissão é dentista. Atuo até hoje na área e é a profissão que me sustenta, mas eu tenho o mesmo zelo profissional como DJ. E, eu não aceito que tratem a profissão de DJ de forma diferente das outras profissões. Nós, como DJs, devemos ser zelosos sempre e entregar resultado: estudarmos, nos aplicarmos, melhorarmos a cada dia e estarmos sempre em contato com o público de maneira respeitosa e amigável.

Qual a sua dica para quem está começando?

Primeiramente, tem que ser dedicado, estudar, se esforçar bastante e levar a sério a profissão. Depois tem que ter identidade, ser original. E em terceiro, não se deixe abater por comentários maldosos no início, sobretudo de colegas da própria profissão. O que importa é a sua relação com o público.

SOUNDCLOUD

INSTAGRAM

PRESS KIT INTERATIVO DO DJ

SOBRINHO
(RODRIGO DE OLIVEIRA SOBRINHO)

DJ JEFF THOMAS: 21 anos de muito profissionalismo e dedicação

Com 21 anos de experiência, muito profissionalismo e dedicação na sua carreira de DJ, Jeff Thomas ainda divide seu tempo com locução de rádio. Vamos conhecer agora um pouco desse brasiliense de nascença e capixaba de coração que vem se destacando na cena LGBTQIA+, o DJ Jeff Thomas. *Confira agora* a nossa entrevista:

Primeiramente, agradecemos por topar esta conversa conosco. Para começar nosso bate-papo Jeff, nos conte um pouco sobre a sua história.

Bem, eu sou natural de Brasília, e vim para o Espírito Santo, aos 15 anos, com minha mãe, após a separação dos meus pais. Mas antes disso, eu tive de conhecer a música eletrônica através de um primo de Brasília, Leonardo. Uma vez, ele me mostrou vinis de música eletrônica e me falou que era deejay e de como tudo funcionava, das mixagens, me mostrou como era esse universo paralelo e de lá pra cá, me apaixono todos os dias pela música eletrônica, que é um estudo diário, é um campo seguro pra mim, é onde eu me entrego e me dou 100% quando estou no palco, uma conexão, tipo o filme Avatar.

> **O ano era 2011, na extinta "Boate da Chica" da nossa maravilhosa militante, Chica Chiclete. Eu era novo e me tremia dos pés à cabeça.**
>
> DJ Jeff Thomas.

Você lembra quando foi a primeira vez que se apresentou profissionalmente? Como foi essa experiência?

Nossa, foi uma grande emoção neste dia. Agora, a Colors DJ vai me levar pra uma época muito bacana em Vitória/ES. O ano era 2011, na extinta "Boate da Chica" da nossa maravilhosa militante, Chica Chiclete. Eu era novo e me tremia dos pés à cabeça. Quando o meu mestre que me formou, o DJ André Kalçada me disse: "*duas músicas e você entra, Jeff*", eu deixei minha case de CD cair no chão de tanta emoção, mas graças a Deus ocorreu tudo bem, nenhum CD arranhou e, no fim, deu super certo. Eu, de lá pra cá, amo cada vez mais subir nos palcos para tocar, me divertir e ver o público feliz.

Atualmente, quais são suas referências musicais?

Atualmente são: Allan Natal, Zuccare, Mauro Mozart, Mallover, Anne Louise, Má Rodrigues, Maya Machucado, Veggas, Tonny Davino, Junce e são tantos. Ronny Deville (meu padrinho), mas de verdade, a gente tem uma massa de artistas tão lindos nesse Brasil. Eu mesmo conheço tantos artistas e poderia ficar aqui por horas falando nome a nome.

Você além de atuar como DJ, paralelamente, você também é radialista. Conte-nos um pouco sobre essa sua experiência.

Isso. Agora, você tocou no meu "xodozinho". Eu agora ressinto, fui convidado pela equipe da web rádio LIVE RJ para ter um horário de até 3 horas de programação. Estudei, elaborei o cronograma do programa, apresentei o projeto para diretoria, locutores da rádio e fui aprovado. Após um festival de DJ que eu tinha acabado de tocar na mesma rádio. Eu só tenho algo dizer, que estou muito feliz porque tenho meu podcast do programa, que fica disponível no spotify "*redcast*" que tem participação dos ouvintes. Eu amo demais fazer esse programa. Agora, está passando por um ajuste de horário e vai passar a ser exibido aos domingos também.

A rádio te ajuda e influencia na sua carreira de DJ?

Ajuda sim. Eu tenho uma rede de apoiadores da rádio, que me cedem a data para tocar com eles, nos eventos e nessa parceria a gente tem uma boa convivência. Fora as propagandas e merchandisings.

> **"Eu costumo dizer que o campo da música é um jardim e que todo dia nasce uma flor."**
>
> Jeff Thomas.

Jeff, você é do Espírito Santo. Estamos em 2022, ainda é possível vermos muitao mais oportunidades acontecendo para os DJs que estão no eixo Rio-São Paulo ou isso é um mito?

Eu acho que é um mito, pois todo dia tem flor nascendo. Eu costumo dizer que o campo da música é um jardim e que todo dia nasce uma flor. Creio que há de nascer não só do eixo Rio-São Paulo, mas também da linha sudeste, Rio-Vitória, que tem crescido bastante no turismo LGBTQIA+.

Ouça: SET PEACE IN WAR

Agora é cada vez mais comum vermos grandes performances/shows nos eventos que têm a participação de muitos DJs. Na sua opinião, qual a importÂncia de ter um belo preparo antes do dia do evento?

Olha, eu acho que o show tem sim que ser completo e o público merece. Eu mesmo tenho meu próprio estilista, que é o meu marido Elienay Silas e é ele quem faz todos os meus looks. Ele arrasa e acho muito legal. Na minha opinião, ensaiar nunca é demais, para evitar problemas técnicos, sabe?! Assim como, fazer passagem de som. Hoje em dia, eu não vejo os profissionais se preocupando em fazer a passagem de som. Falta às vezes a perícia técnica para operar a máquina.

> **"Hoje eu enxergo a minha carreira mais madura. Tenho alguns planos."**
>
> Jeff Thomas.

Ouça: Trecho da apresentação na @thevix.music

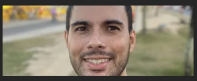
Para finalizar, como você enxerga hoje a sua carreira como DJ? E quais são seus planos para o futuro?

Hoje, eu enxergo a minha carreira mais madura. Tenho alguns planos, mas não posso contar ainda. Outros já vivem comigo, que é o meu programa "*RED LINE*", então, eu tô feliz demais. Tenho uma família que me ama, cães maravilhosos, um marido que cuida de mim, tô bem. Para o futuro, eu digo que vem coisa boa por aí. Quando eu fico quieto, vocês já sabem né!? Não posso contar agora, mas tem projeto em andamento. Aguardem.

E antes de mais nada, quero agradecer a revista e a todo meu público. Precisamos todos de uma carreira na qual podemos crescer, nos apresentar em lugares diferentes etc. Obrigado.

INSTAGRAM

SOUNDCLOUD



ORLY FERNANDES

MÁ RODRIGUES, a rainha do "tagaragadá": ela que conquistou todos os públicos e é fenômeno na atualidade

Ela chegou lá e conquistou o seu lugar. Depois de 13 anos de carreira, a Deejay Má Rodrigues é um dos nomes mais falados atualmente. Hoje, ela encanta a todos quando sobe ao palco trazendo uma energia inexplicável e um carisma que só ela tem. Até mesmo as "padrões" se renderam ao seu talento e a sua vibe.

Com ela não tem tempo ruim. Já se apresentou com o pé torcido, passando mal e até mesmo acidentada. *"PQP HEIN" MARCELA! Você não desce do salto meeeesmo"*. Como ela mesmo usa a expressão *"ela não deita"*, e para deitar ela? Tem que comer muita poeira meus amigos.

> **13 anos que passaram voando, com muita história e eu faria tudo de novo.**
>
> DJ Má Rodrigues.

São 13 anos de carreira, não é mesmo?! Conta para gente como tudo começou? Como foi dar o primeiro play? Se tocou sempre tribal ou começou em outra vertente? Sobre o seu início de carreira também?

Quando comecei minha carreira, nunca imaginei que realmente viveria disso e que chegaria onde cheguei. Eu só queria tocar e emocionar as pessoas através da música. Conheci a primeira balada de música eletrônica no meu aniversário de 18 anos, foi na extinta DELUXE CLUB em Taubaté aqui no interior de SP. Cheguei na boate toda tímida, amei aquele mundo novo e me lembro que desde a primeira vez, fiquei encantada ao ver o DJ na cabine tendo controle sobre todas aquelas pessoas. Com o poder de fazer elas dançarem e se divertirem. Eu, como público, também sentia aquelas sensações de felicidade, euforia a cada música tocada e ficava fascinada com o poder que o DJ **tinha** nas mãos. A cada semana que eu frequentava o clube, esse encantamento e vontade de estar em cima da cabine crescia. Eu tive muito apoio dos meus amigos da época e do dono do clube que me colocou para estrear na pista principal, assim que eu fiz meu curso na DJ BAN em SP. Na semana seguinte do curso, eu já encarei a pista mais famosa do interior lotada em um sábado, mas posso afirmar que ali foi minha maior escola. Na época, a cena era muito diferente em todos os sentidos, musicalmente falando, eu sempre gostei de um som mais fervido do que a maioria tocava.

Mas, ainda não existiam esses rótulos de "pesado" e "fino", quando a maioria tocava house, progressive house, eu já começava a me interessar pelo *dutch house*, que hoje em dia com certeza se referem a um som "pesado", logo, já comecei a tocar até altas horas em afters aqui da região. Eu nunca me interessei por outro gênero musical, apenas alternei entre essas vertentes, conforme a cena foi evoluindo e eu fui descobrindo.

Ao longo desses anos, você foi consagrada e se tornou residente de alguns selos conhecidos em todo Brasil, como TicTac, Hopi Pride, entre outros nomes de sucesso. Como é para você tocar nesses lugares?

Eu me considero honradíssima em tocar em tantos lugares consagrados todos esses anos. Há uma década toco na Tic Tac e, desde 2017, me tornei oficialmente residente. É incrível como o público da festa faz questão de me ver no line. A cada ano que passa, não posso ficar de fora de nenhuma edição, segundo o próprio produtor, isso é fantástico. E o Hopi Pride que hoje em dia, é um dos maiores festivais da nossa cena, com o diferencial incrível de acontecer num parque de diversões, o que torna tudo mais mágico e especial. Eu toco lá desde a primeira edição em 2017, que começou bem pequenininha e hoje é um dos eventos mais esperados pelo nosso público. Divirto-me muito no evento e tenho muito orgulho de ser presença garantida nele.

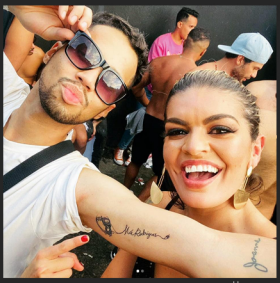
> **"É um privilégio ser residente de alguns selos como a TIC TAC que é um dos selos mais importantes na minha carreira, pois foi através do concurso da TIC TAC em 2012, que eu dei o meu primeiro passo profissionalmente na Capital Paulista."**
>
> DJ Má Rodrigues.

Veja fotos e vídeos: Tic Tac Festival.

Sabemos sobre a sua ligação com os seus fãs, que se diga de passagem, dão um grande show. Já fizeram camisas, bandeiras, bonés e até faixas de homenagem. Como é a sua relação com eles?

É muito surreal o carinho que o público tem por mim e pelo meu trabalho. A cada ano que passa, só aumenta o número de pessoas que me curtem. É fato que onde eu chego, eu fico um tempão tirando fotos e abraçando as pessoas. Eu falo que essa é a melhor parte do meu trabalho. Não tem nada melhor que se sentir tão amada e bem recebida onde quer que eu vá. Fora esse show que eles dão para me surpreender, já fizeram camisetas, máscaras com meu rosto, boné, bandeira, faixa, tatuagens. Sim, do meu conhecimento, já são oito pessoas com tatuagens com meu nome. Isso é algo surreal. Eu sempre fico boquiaberta quando aparece alguém com meu nome tatuado e só espero ser sempre muito digna e merecedora de uma homenagem como essa.

Homenagem de @oirafahmoliiver feita por Rafah Oliiver @housetattoopiercing



Homenagem de @luzrfx

Assista ao vídeo: Homenagem na Tic Tac Festival.

Má Rodrigues era considerada por muitos a DJ que toca um som mais pesado e que utiliza muito a expressão que só "toca panela" em seus sets e apresentações. Com muita garra e talento, você mostrou que não existe essa segregação, mas que sim, existem tipos de públicos, eventos diferentes e que o seu som se adequa a cada um deles. Mostrou para todo mundo que sabe fazer e se apresenta para todos os públicos, deixando a vibe lá em cima em qualquer apresentação. Como foi superar todos esses comentários negativos?

Eu nunca liguei muito para esses comentários, infelizmente, as pessoas amam rótulos. Mas seja "panela" ou não, eu sempre toquei o que eu gosto, o que eu acredito e o que minha alma pede. Sempre teve público que abraçou esse som. Afinal de contas, música você pode ouvir em casa. Acho que o DJ tem que oferecer muito mais que isso. No começo da carreira em SP houve muita crítica por parte de outros DJ, produtores e até mesmo de público quanto a essa questão da "panela", mas a grande maioria do público que frequentava as festas onde eu tocava, curtia muito. Tanto que a cada ano que passa, eu posso afirmar que eu cresci muito profissionalmente e eu sempre me dediquei ao público. São eles que eu tenho que me dedicar e me preocupar. Para o resto eu sempre liguei o "foda-se" porque sei que a grande maioria das pessoas adoram criticar gratuitamente, até mesmo por não gostarem de ver outro profissional se destacando.

Hoje em dia, acredito que eu já me desliguei desse rótulo de panelada, mas nunca foi um problema para mim e, também, essa evolução ou mudança sempre foi algo totalmente natural. Eu nunca premeditei mudar meu som para tocar em um lugar ou para me livrar de algum rótulo. Eu simplesmente, como disse anteriormente, toco o que me identifico e minha alma pede. Naturalmente, esse som que eu amo tocar foi me trazendo reconhecimento e espaço em lugares cada vez maiores e diferentes. Então, não tenho dúvidas que tudo contribuiu para o meu crescimento profissional, mas jamais me incomodei ou vou me incomodar, com a fama de som pesado.

> **"Porque se o meu som pesado for aquele som que faz a galera ressuscitar, até no final das festas, eu considero um grande elogio."**
>
> DJ Má Rodrigues.

Nunca gostei dos rótulos, nem liguei muito para comentários negativos, pois tenho plena consciência que ninguém nunca vai agradar todo mundo. Tem espaço para todo tipo de som, onde eu for bem-vinda a fazer o que eu gosto, é onde eu estarei feliz fazendo o que eu sei fazer. A melhor vibe e energia possível pras pessoas.

Recentemente você deu um verdadeiro show no Rio de Janeiro, na The Home, comentado por todos até hoje como um marco na sua carreira. Foi também a sua estreia com o consagrado produtor André Almada. Como você enxerga essa virada na sua carreira, tocando para um público novo que ficou encantado com o seu som, que você levou e agora faz parte do line-up de um dos maiores clubes?

Aquela noite na The Home pode ser referida como histórica sem dúvidas. Quando fui convidada para tocar lá, eu fui pega totalmente de surpresa. O Almada é a maior referência em produção aqui no nosso país e eu sei que a grande maioria dos DJs sonham em tocar nos selos dele. Confesso a vocês com toda humildade, que eu nunca tive esse sonho, justamente por ser rotulada como a DJ de um som que jamais se encaixaria lá e para mim "tava" tudo bem quanto a isso. Eu não pretendia mudar o que eu tocava ou qualquer coisa em mim para chegar lá. Sempre tive em mente que assim como lá, ou em qualquer outra festa grande, eu gostaria de chegar se fosse por quem eu sou e pelo que eu toco.

@joypartybrasil @taboo_party Fetiche!

Então, quando fui convidada fiquei surpresa e na primeira conversa com eles, eu já quis me certificar de que **esse convite era para Má Rodrigues ser a Má Rodrigues**, com total liberdade para tocar. Eles me afirmaram ser isso que eles queriam, sempre me deixaram super à vontade desde o primeiro contato. Isso tornou **tudo** muito mais motivador, mas confesso que, ainda assim, eu tinha um pouco de medo da reação do público que já frequentava a casa há anos. Que tivesse um possível preconceito, mas não recebi nada negativo, pelo contrário, o público abarrotou a casa naquela noite. Diversas pessoas viajaram de SP, BH e os cariocas lotaram a casa para presenciar aquele momento. Foi tão bom que eu tive que tocar uma hora a mais, das 7 horas da manhã até as 10 horas e a casa permaneceu lotada. Quando eu encerrei o set, fui ovacionada por mais de um minuto, por todas aquelas pessoas, me senti extremamente especial e reconhecida. Essa credibilida de que eu conquistei com o público não tem preço e sem dúvidas, é um dos principais momentos da minha carreira que nunca vou esquece

Assista: trecho do SET na @thehomerio

Vamos falar de "Fada Acessível"? Sempre disponível, escuta todos, tira foto, faz pose, faz do palco o seu mundo, interage com todo mundo e ainda dá conta das suas redes sociais. Nos eventos sempre rodeada de fãs e flashes. Você acredita que além do talento, a atenção é a chave do grande sucesso da DJ Má Rodrigues?

Eu não tenho a menor dúvida disso, com certeza absoluta a maneira como eu levo a minha carreira e como eu enxergo o meu público é um grande diferencial. As pessoas sempre me dizem isso, sobre o quão especial é a maneira que eu trato todo mundo e estou sempre disponível. Mesmo cansada, exausta, na correria entre viagens ou em dias difíceis e o mais legal, é que isso acontece comigo naturalmente, eu não finjo simpatia com essas pessoas, eu realmente amo ter esse contato com elas. Receber tanto carinho, reconhecimento e poder dizer a elas o quanto sou grata, porque como sempre digo, tocar é o que eu mais amo fazer na vida. Nada me traz tanta realização e prazer **como** estar no palco me traz. São essas pessoas que tornam meu trabalho possível, se não for essas pessoas pagando para me ouvir e me esperando tocar seja a hora que for numa festa, eu não poderia fazer o que eu amo por tantos anos, quer motivo maior que esse para agradecer? Sou muito grata de verdade a todas essas pessoas que prestigiam meu trabalho de perto e de longe.

@tictacfestival_ Foto: @diegobarbosafotos

Hoje, você é a atração principal de várias festas e casas noturnas, com agenda lotada todos os fins de semana. Alguns deles tocando em mais de 10 festas e vários estados diferentes. Como você avalia essa vida corrida de DJ?

Olha, é muito difícil às vezes. As pessoas acham que a vida do DJ é ser pago para viajar e frequentar festas. Mal sabem tudo que a gente passa. Não tem data especial para ficar com a família, pois as datas especiais para maioria das pessoas são as datas que nós mais temos trabalho e temos que aproveitar, faz parte. Essa vida de viagens, às vezes tocando em vários estados no mesmo final de semana é exaustiva, as pessoas não imaginam o quanto. Às vezes, eu mal durmo alguma coisa no fim de semana, mas confesso que eu não faria nada diferente. É claro que cabe a mim, administrar a minha agenda com menos festas se eu quiser, mas me considero privilegiada em ter uma agenda tão movimentada e ainda poder fazer o que se ama é para poucos.

@clubdivino

O que você espera do futuro da DJ Má Rodrigues?

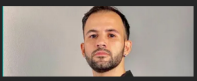
Eu espero que a DJ Má Rodrigues continue levando o som, energia e a essência dela para todos os cantos do mundo. Sem nunca perder o brilho, os pés no chão e essa paixão pelo que faz.

Assista: Aftermovie por @oijunnyor e @wayartstudio na inauguração da @highclub__

Temos novidades vindo por aí? Projetos ou algo que possa adiantar para os seus fãs? Conte-nos TUDO e não nos esconda nada. Queremos um spoiler.

Esse ano minha agenda foi fechada com muitos meses de antecedência, graças a Deus, então, tive que recusar muitos convites recentes, inclusive de GIG Internacional. Mas posso afirmar que ano que vem nos trará muitas novidades nesse sentido de novos grandes selos. Também, recebi recentemente o convite de uma gravadora muito conhecida para fazer um set especial que será lançado em breve com exclusividade pela Apple Music, entre outras coisas que eu prefiro contar só quando estiverem prontas para serem lançadas, porque se tem uma coisa que sagitariana odeia é mesmice. Então, busco sempre levar novidades para o público e ano que vem isso será ainda mais intenso.

ACOMPANHE o trabalho da DJ MÁ RODRIGUES em suas redes!



CÁSSIO ROCHA

MATÉRIA

ENTRANCE 2022: O retorno de um antigo e influente player do cenário nacional de Psy Trance que ressurge como um evento impressionante

Você conhece a cena psicodélica de Fortaleza? Existe um cenário psicodélico no estado do Ceará que nem todo mundo conhece. Mas, hoje, a nave do "**Papos Psicodélicos**" vai te levar para pousar em terras freaks do nordeste brasileiro.

O ano é 2004, e uma semente que germina desde 2001 nasce: O **Núcleo de Arte e Cultura Transcendental**, **NuACT**, surge com a intenção de trazer para a cidade os preceitos do movimento *Psy Trance*, promover na região "a verdadeira celebração à cultura alternativa, moldada pelos ideais de Paz, Amor, União e Respeito." (Texto de Junior Animal. *História do NuACT*). A **Entrance**, evento que já está na sua décima primeira (11ª) edição, surge como fruto do **NuACT** e tem sua história marcada pelo compromisso com esses valores.

Neste ano, o grupo retorna depois de um intervalo de seis anos para a realização de um evento marcante no cenário nacional de Psy Trance. A celebração vai acontecer no dia 17 de setembro na **Fazenda Terra do Sol** e você pode garantir sua entrada acessando o Instagram do evento.

Essa edição está voltando com tudo e promete marcar quem se propuser a ir. As atrações são a vanguarda do que está em alta no cenário musical da cena, trazendo grandes nomes do forest da **Parvati Records** como **Derango**, **Ghostscent**, **Mussy Moody**, **Elowinz** e **Karavel**. E do psy trance nacional, a **Entrance** também vem com nomes marcantes: **Burn In Noise**, **Earthspace**, **May**, **Del Torto**, **Killary** e tantos outros.

Dos nomes listados, eu gostaria de explicar um pouco mais sobre alguns deles, para vocês entenderem o quanto a **Entrance** está promovendo algo realmente marcante no cenário nacional. O **Derango**, que falei agora a pouco, é uma grande chave do forest internacional, tendo marcado a cena com seu álbum ***Tumult*** em 2005, apresentando uma forte inovação na forma de apresentar a força da floresta através de construções sonoras únicas. Mussy Moody é um nome lendário na mesma gravadora – **Parvati** -, sendo uma das poucas figuras femininas que representam a velha guarda da **Label**. A artista é uma estudiosa da música referência em produção musical, sustentando um período em que ser mulher nesse mercado era ainda incipiente.

A DJ May é outro nome que me chamou atenção. A artista recifense reside na capital cearense e é um dos nomes que vem se fortalecendo na cena desde a pandemia. Ela também assina o **Coletivo BoiKOT** (grande parceiro e conterrâneo do **Papos Psicodélicos**, inclusive eu – **Lui** – também faço parte do crew, então, não estranhe se eu sempre apresentá-los para vocês, rs) e também, é residente da **Vailixis Records**, gravadora cearense que reúne grandes nomes da cena nordestina de psytrance. Se você ainda não conhece a artista, vou deixar o SoundCloud dela aqui.

O evento além de um line-up comprometido com a psicodelia, também contará com diversas performances e intervenções através das mais diversas linguagens circenses. E, também, com *live painting*, pintura corporal, instalações artísticas e um espaço de cura. Todos esses detalhes realizados com seriedade levam a atmosfera simbólica do evento para outro patamar, pois se entende que as festas podem ser ainda mais potentes enquanto chave de transformação pessoal, quando realizadas com as mais diversas influências artísticas, para além da pista de dança.

Assista: Teaser Entrance

O **NuACT** veio com tudo também na escolha da montagem e estrutura do evento. A **Entrance** será materializada pela "***Arte astral***" sendo formada pelos artistas visionários @kadu_bambu e @bruna-mandala. *"Os artistas da "**Arte Astral**" constroem seus palcos e tendas através de construções, utilizando-se dos saberes da geometria sagrada e da cromoterapia, e materializam um verdadeiro solo sagrado, onde o desenho da tenda e palco são matematicamente projetados de acordo com um modelo geométrico em consonância com o universo"* – comenta **Junior Animal** que é sócio do evento.

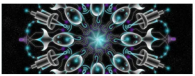
Conheça eles aqui

É por esses e outros motivos que você não pode perder a chance de conhecer o **NuACT** através da festa **Entrance** em Fortaleza – CE. Será um momento histórico e marcante para a cena psicodélica da região, e será, também, um ponto-chave na história do crew, que marcará o seu retorno.

Para garantir sua entrada, você pode acessar o link aqui. Para mais informações, o instagram do evento.

Aceitem o conselho do Papos Psicodélicos e não percam esse BAILÃO!

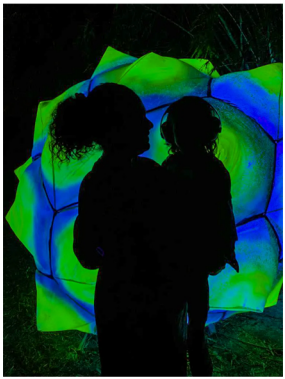
Um cheiro,
Lui



PAPOS PSICODÉLICOS

COLUNA

VIVÊNCIA KALACHAKRA FESTIVAL: Uma experiência materna na resistência psicodélica do cenário carioca



Hey, Colors!

Dando uma pequena pausa na minha série de entrevistas sobre estrutura e montagem de festas e festivais de Psytrance BR – "A espinha dorsal do Psytrance" – hoje convido vocês a mergulharem numa profunda leitura acerca da minha experiência como mãe, em parceria com o meu filho de 3 aninhos, chamado **Giuseppe**, o **Peppe**, com o suporte da minha amiga de longa data, **Talita**, na primeira edição do **Kalachakra Festival**, que aconteceu de 14 a 18 de Abril deste ano, em Silva Jardim que é um município da baixada litorânea do estado do Rio de Janeiro.

Além de contar como foi a nossa experiência inédita, também vou contar um pouquinho a caminhada do **Kalachakra** através de um bate-papo transparente com as mentes brilhantes da produção e expôr algumas impressões interessantes que coletei durante e após o evento. "Yeahhh"!

Com o retorno dos eventos no mundo inteiro, os esperados festivais de Trance no Brasil estão de volta com força total, por isso, resolvi não ficar de fora, né? Mas, desta vez, sem equipamentos e acessórios de foto/vídeo. Apenas com um celular e o meu bom e velho gravador **Tascam** na mão. Hahahaha!

Querem saber como?

Venham comigo nesta leitura, Colors!

Pode-se dizer que **Kalachakra** é uma tradição que é parte integral do reino tântrico do **Budismo Vajrayana Tibetano** e, mais do que simplesmente proporcionar um método profundo para superarmos os efeitos prejudiciais do karma compulsivo e atingirmos a iluminação para o benefício de todos, o Kalachakra inclui em sua literatura uma enciclopédia da antiga ciência hindu, que serve para todos, independente de crenças.

"Kalachakra" significa ciclos de tempo, sendo que o tempo é uma medida de mudança, tanto externa, no mundo e no universo, quanto interna, no corpo. Como tal, podemos medi-lo de diversas formas. Externamente, existem os ciclos das órbitas dos planetas, dos meses e das estações do ano, as fases da lua, as horas de um dia e assim por diante, sem falar nos ciclos históricos de períodos de paz e guerra. Internamente, temos os ciclos dos períodos da vida (infância, juventude, idade adulta e velhice), o ciclo menstrual, o ciclo do sono e o circadiano, o respiratório e assim por diante. Podemos traçar um paralelo entre os ciclos externos e os internos. Assim como as estrelas, galáxias e universos passam por ciclos de formação, permanência, dissipação e extinção, seres humanos passam por ciclos de nascimento, vida adulta, velhice e morte, além do bardo, o período intermediário. E ainda, tanto os ciclos internos quanto os externos vêm se repetindo desde tempos sem início com o renascimento contínuo dos universos e da vida.

A prática de Kalachakra é extremamente avançada e sofisticada. Mesmo nos formatos menos complicados, com mandalas mais simples e menor quantidade de figuras, ainda assim é uma prática muito desafiadora. Todavia, com motivação adequada, preparação e esforço contínuo, é extremamente eficaz para atingirmos a iluminação para o benefício de todos os seres.

Ao contrário de outros tantras avançados, existe uma tradição de dar-se iniciação de Kalachakra a grandes grupos de pessoas, como forma de promover a harmonia e paz mundial. Sua Santidade o **Dalai Lama** deu sua primeira iniciação de Kalachakra em Lhasa, no Tibete, em 1954 e, desde então, aproximadamente dois milhões de pessoas participaram das iniciações que ele deu ao redor do mundo.

Fonte: https://studybuddhism.com/pt/budismo-tibetano/tantra/kalachakra/o-que-e-o-kalachakra

Com a chegada da minha gravidez em meados de 2018, planejei uma grande pausa nas minhas produções de foto e vídeo com a Interfaces e com isso, me ausentei dos festivais de Psytrance, pois seria necessário o máximo de dedicação a este novo modo de viver, com o meu filhote no meu ventre e posteriormente, em meus braços.

No meu planejamento, eu retornaria aos jobs em Abril de 2020, mas num tempo diferente do habitual e ainda ausente dos festivais, porque viajar de festival em festival, de aeroporto em aeroporto, com um bebê mais todas as nossas bagagens e toda função de campo era inviável. Por isso, a partir desta nova realidade, entendi que deveria me dedicar a outros nichos aqui mesmo no Rio de Janeiro e que as viagens para o Trance iriam acontecer num outro momento, numa pegada mais leve com o **Peppe**.

Em Abril de 2020, eu tinha um job agendado e, foi então que aconteceu a pandemia, forçando uma grande pausa no mundo, que impossibilitou a realização deste e de outros jobs.

Foi louco para todos nós vivermos algo tão inesperado por tanto tempo. Eu, que já estava sem trabalhar desde o início da gravidez, precisei refletir muito sobre essa questão do tempo e tudo o que a gente planeja e não consegue realizar, atrelado ao turbilhão de pavor que pairou sobre o mundo, com o medo da morte e a insegurança financeira com um filho nos braços. Por outro lado, agradecia todos os dias por estar viva, com saúde e sendo mãe em tempo integral do **Giuseppe**, um amor maior que eu sem limites.

Não me considero uma mãe solo no real sentido da palavra, pois tenho o suporte "full" de meus pais, que abraçaram comigo toda a função da maternidade. Como sou grata a minha família que segue comigo na missão.

Após refletir por um tempo, aceitei o confinamento e procurei não me desesperar, focando sempre no meu menino e na minha família e isso me fez ficar mais tranquila durante todo o tempo da pandemia e após um longo período consegui retornar ao campo, produzindo foto e vídeo. Ufa! Pouco a pouco venho alcançando novos nichos, mas ainda num tempo diferente. É como se eu tivesse que recomeçar do zero, sem os jobs dos festivais na minha vida.

Em Março de 2021, recebi o convite para fazer parte da equipe **Colors DJ** como colunista e com isso, percebi que poderia contribuir na cena Trance sem estar em campo com equipamentos e acessórios de foto/vídeo, mas com conteúdos acerca de tudo que já vivenciei ao longo destes anos em muitos festivais brasileiros, e mais ainda: vivenciando com o meu filho alguns festivais atuais, para redigir colunas sobre a nossa experiência.

Era tudo uma questão de tempo. Com a flexibilização da pandemia a vida voltou a caminhar. Com o retorno dos eventos no mundo inteiro, os esperados festivais de Trance no Brasil estão de volta com força total e por isso, resolvi não ficar de fora, "né"?

Conversando com um grande amigo no final do ano passado, confessamos um ao outro a vontade de vivenciar um festival aqui no Rio, mas eu ainda me sentia insegura com relação a maternar na pista (LOL) e ir apenas como público, sem contar o gasto, né? Contudo, eu já sabia que iria acontecer o **Kalachakra** em Janeiro de 2022, então, a vontade só foi aumentando, até que esquematizamos a minha ida com o **Peppe**, o meu amigo e o namorado dele. Seria um excelente suporte! Iríamos de carro e ficaríamos hospedados num hotel fazenda próximo ao local do evento, pois foi o planejamento mais viável no meu ponto de vista materno, hahahahahaha!

Fechamos o hotel fazenda, planejamos todos os custos da viagem, ficamos mega animados e, então, fiz contato com a **Colors DJ** para expôr que gostaria de redigir uma coluna sobre o festival, nessa pegada "*mamãe do Trance*", "rs". Deu tudo certo e, então, entrei em contato com o **Feliso** (**Fractoy** / **Misticin**) – um dos produtores do Kalachakra e meu parceiro de festivais BR – e propus esta coluna que vocês estão lendo, amigos.

Com as festas de final de ano, os casos de uma nova variante do coronavírus aumentaram, e com isso, os eventos foram sendo adiados, inclusive o tão esperado Kalachakra Festival, que teve a sua nova data para Abril de 2022. Putz!

"*Bom, eu iniciei na produção de eventos Psytrance produzindo as minhas festas de aniversário, fazendo um movimento bem bacana, até que surgiu uma oportunidade de produzir um evento na* ***Fazenda do Zé*** *(****Fazenda Oriri****) e, então, chamei o* ***Feliso****. Estávamos no meio da pandemia e começamos a pensar como seria isso, já querendo se posicionar com relação a fazer acontecer o festival, mas tínhamos que esperar o melhor momento. Tivemos dois adiamentos que nos fizeram perder bastante investimento, mas tivemos que confiar muito na ciência durante este processo de 1 ano e 6 meses até o festival acontecer de fato*" – comenta **Renan Amorim**, "**Henk**" – **Produção Kalachakra Festival**.

Zé começou a produzir eventos em sua fazenda em 2020, onde conheceu **Renan** e recebeu o convite para fazer parte da família **Kalachakra Festival**. A partir de Dezembro de 2020, os três ficaram amigos e iniciaram todo o planejamento para o festival. Com isso, fizeram alguns eventos menores, para o público ir conhecendo o potencial do local onde seria o Kalachakra.

A ideia do nome partiu de Renan, que explicou a sua intenção em dar uma referência ao tempo, de como ele passa diferente quando estamos nessas atmosferas de festival. "*O Kalachakra representa vários ciclos de tempo e isso tem a ver com o que estamos vivenciando com a pandemia, a Nova Era e toda essa transmutação mundial*" – destaca *Renan*.

Feliso, que recebeu o convite para participar do projeto já com o nome, afirmou: "*É, Kalachakra é um nome de festival beeeeem psicodélico. Cara, eu tive simpatia com o nome desde o início.*"

Segundo os meninos, com a pandemia a venda de ingressos foi algo bem complicado, pois deixou o suposto público muito inseguro. A data do carnaval deste ano também foi um fator de risco iminente, fazendo a produção enfrentar vários percalços durante a caminhada, como por exemplo, a logística difícil para levar as equipes de montagem até o local, das pessoas que não puderam chegar para trabalhar por conta de diversos imprevistos, como as chuvas dias antes, sem contar no bem estar das equipes durante o trabalho, como acomodação, alimentação, entre outras.

"Num primeiro momento, quando o festival tinha a data para acontecer em Janeiro, estávamos montando às pressas, chovia muito durante vários dias e isso também atrapalhou o nosso planejamento. O alto índice do vírus no início do ano, que fez a gente alterar a data para Abril, também foi um problema a ser enfrentado. Sem contar as dificuldades que a gente já imaginava" – ressalta **Renan Amorim**.

Bom, com a nova data para Abril, meu amigo não poderia mais ir e, por isso, procurei viabilizar um outro meio de logística e afins. Foi então que minha amiga-irmã **Talita** se propôs a me dar um suporte com o meu filho durante o festival, para que eu não perdesse a oportunidade de redigir a coluna e consequentemente, curtir com ela e o meu Peppe uma vivência inédita em nossa cidade. Fiquei feliz! O nome disso é rede de apoio, tá?

Viabilizar a logística de ida e volta com o meu pai (ufa, hahaha!) e a hospedagem na fazenda onde aconteceria o festival, já que sem carro seria complicado ir e voltar para o hotel fazenda, "né"?

Com tudo esquematizado, era só aguardar a data de partida, mas conforme os dias iam passando, o tempo chuvoso ficava cada vez pior e o fato de ir com o meu filho me deixou um pouco apreensiva, pois temia algum tipo de desconforto na vivência dele. Fui mentalizando que o tempo melhorasse e nada, e no dia anterior à partida a chuva só aumentava, rs.

No dia da viagem, acordei bem cedo e vi que o tempo não havia melhorado, então fiz contato com a **Talita** e conversamos por um tempo, até decidirmos ir no dia seguinte, acreditando que o tempo iria melhorar. Iríamos perder o início do festival, mas tudo bem. E assim foi: no dia seguinte não estava chovendo e, então, partimos com o **Peppinho** rumo ao **Kalachakra Festival**.

Durante a viagem pegamos uma baita chuva e novamente fiquei apreensiva. Fiquei mentalizando o sol e, chegando próximo da **Fazenda Oriri**, o tempo estava abrindo. Pasmem! Graças! Porém, ter visto um carro de polícia na estrada que dava acesso a fazenda do festival me remeteu a um passado distante, da época em que as raves eram embargadas pela polícia. Vivenciei várias! Enquanto isso, íamos nos aproximando e foi estranho não ouvir o som alienígena das caixas laranjinhas **Pure Groove** ao chegar e, nesse momento, me dei conta do que estava realmente acontecendo: o festival estava sem som! "OMG"!

Depois de esperar tanto tempo para curtir um festival no Rio de Janeiro, fomos impactados com um embargo da polícia, da mesma forma que acontecia no passado. Nunca consegui entender tamanha perseguição das autoridades à cena eletrônica, principalmente aqui no Rio de Janeiro. O tempo passou e nada mudou, pois o preconceito continua relevante, sabe? Até quando seremos discriminados desta forma, como se fossemos arruaceiros doidões que agem sem responsabilidade? A cena Trance merece respeito, pois somos um movimento que respira arte e cultura, com mentes de profissionais brilhantes, artistas incríveis, pessoas conscientes e preocupadas com o futuro do nosso planeta através de viés relacionados à sustentabilidade, redução de danos e igualdade de gênero, por exemplo. É um movimento muito singular, onde você faz amigos num piscar de olhos, compartilha com a verdade do seu coração num grupo de pessoas com ideais que se conectam e fazem a roda da vida girar por um propósito maior. Por isso que é tão incrível!

Estamos em 2022 e percebo que muitas mentalidades ainda não despertaram, pois se fecharam na bolha da ignorância, ditando regras sem embasamento real dos fatos. Peguem a visão, autoridades!!!!!!

Enquanto aguardávamos ansiosos pela volta do som, nos acomodamos em casa. Fomos recebidos com imenso carinho pelo **Renan**, que é um amigo querido de longas, das épocas das raves de 2007 e, depois de tanto tempo, foi interessante observar que aquele menino que curtia as festas "das antigas" estava ali se doando de corpo e alma pelo nosso movimento. Percebi um Renan mais amadurecido, engajado e bastante preocupado no momento, por causa da questão das autoridades, "rs".

Tivemos o imenso prazer de conhecermos de perto a **Patrícia** e o **Sr. Beto**, que nos acomodaram com uma hospitalidade típica de família e isso me deixou segura com o meu filho. Poxa! Minha eterna gratidão a vocês, por todo carinho e acolhimento conosco.

"A primeira vez eu me assustei, por causa dos cabelinhos assim, às vezes tem uns grandão. Mas, aí, você conversa com um, conversa com outro e são pessoas tão calmas, sabe? Aquela imagem não tem nada a ver com o que a pessoa é por dentro. Foi assim que eu comecei a gostar do pessoal e, hoje, eu levanto a bandeira quando as pessoas falam contra e digo: olha, vocês precisam ir conhecer, pois doidos somos nós, "tá"?

Você vai num forró, vai num sertanejo ou festa agropecuária igual tem aqui, é tiro, é briga. Todas essas festas que tiveram aqui eu nunca ouvi dizer que teve uma briga. Aqui todos estão trabalhando para o bem e nós, pai e mãe, estamos aqui para "tampar os buracos", como por exemplo: vinha uma pessoa para cozinhar que não pode chegar e, aí, entrou a mãe. Tem também as amizades que a gente vem fazendo, sabe? Conhecemos tantas pessoas boas, passamos a ter mais contato, as nossas amizades passaram a ser outras. Já fizemos 4 festas aqui, menina!

A gente aqui gosta de receber, oferecer um café, oferecer um almoço. Tem um pessoal que chega aqui e a gente já convida pra um café, "rs".

Neste bambuzal da pista, fomos eu e meu marido que limpamos. Um dia conversando, porque o meu filho estava fazendo uma festinha pequena lá embaixo e a gente sempre falava pra fazer aqui, que era mais perto da casa. Aí, nós chegamos e começamos a limpar. Quando ele chegou estava tudo limpinho. E depois forrar com uma areia branca. Ficou lindo!

Minha mãe sempre me dizia: "se a gente não tratar bem uma pessoa dentro da nossa casa, a energia da casa fica péssima, com um peso negativo. Por mais que você não goste da pessoa, é importante tratar bem. E por incrível que pareça, as pessoas quando voltam aqui me procuram. Eu fico tão feliz" – explica **Patrícia – Proprietária da Fazenda Oriri e mãe do Zé**.

Peppe ficou encantando com o local e já quis sair correndo pela fazenda atrás dos cavalos. Pegou a reta da estradinha de chão e eu que lutei atrás dele, "hahaahahahahaha"! Foi tão bom ver meu filho interagindo bem com toda a atmosfera que envolve o festival, brincando na natureza mágica, admirando aquele lago incrível, feliz da vida! E eu, mais ainda! Detalhe que a casa estava cheia de brinquedos, ou seja: Peppinho se fartou! Se apaixonou por um caminhão caçamba que era do Zé quando criança e não queria largar. E depois tiveram os dinossauros. Eram vários deles, "ahahahahahahaha"! Confesso que foi um alívio poder contar com os brinquedos que estavam guardados com tanto carinho durante anos. Atrelado a um certo medo, né? Peppe é daqueles que brinca até quebrar. Socorrooo! Mas, deu tudo certo, ufaaa!

Voltando à questão do embargo momentâneo, só posso dizer que o espírito da resistência psicodélica que sempre nos acompanhou não iria falhar desta vez e passado algumas horas, após um esplêndido pôr do sol, o som voltou! Foi como respirar profundo depois de um breve "afogamento" num mar agitado. Que sentimento bom poder ouvir um som de qualidade depois de tanto esperar, e, isso foi real para todos que estavam ali. Agora sim: como é bom estar de volta!!

Chegar na pista principal (nomeada **Para-Tempo**) e poder admirar um solo sagrado completamente natural foi de arrepiar. Os bambus e o chão de areia fizeram um cenário bem característico de ritual psicodélico, proporcionando a sensação lisérgica que move um festival, agindo diretamente nas nossas entranhas. Os galhos predominaram na decoração do palco, nos aproximando do conceito sustentável que é bastante utilizado no Trance, atrelado a sinestesia noturna das projeções mapeadas e os portais de String Art. Foi lindo de viver e digo com a máxima da minha verdade: até o **Peppe** curtiu!

"*O palco da pista principal foi totalmente freestyle. Eu tinha a ideia do festival com uma paleta de cores, mas não fiz um projeto. Chegando lá junto com o meu irmão Breno, vimos a oferta de materiais e deixamos a intuição tomar conta e isso é o mais louco! Como a engrenagem começa a girar e tu "gira" junto com ela. E foi lindo tudo, a sintonia que o festival proporcionou, as artes*" – **Yan de Aguiar**, responsável pela estrutura da palco principal e praça de alimentação.

É tão potente a psicodelia existente na natureza, "né"? Pude sentir isso no **Kalachakra**. A pista alternativa seguiu na mesma linha do conceito natural, numa pegada mais leve e com aquele cenário do lago mágico atrás de um palco que remetia a sensação de estar em "As crônicas de Nárnia"! Uau! Mandou muito bem, "hein", **Zéh do Cogumelo**! Te admiro, amigo querido, desde os tempos de **Ressonar Festival**, na Cratera Lunar, lembra? Ah, que saudade da Chapada Diamantina (BA), Terra Mãe do nosso Brasil, onde eu pude encontrar inúmeras vezes o **Feliso**, por mais distante que fosse o local, né amigo? Naquela maresia boa de Moreré também. "haahhaaha"!

O Trance é um movimento de resistência produzido com muito esforço, pois se mantém em sua maioria sem patrocínio e sobrevive da aceitação de seu público, que compra os ingressos e vive toda aquela experiência, fazendo a economia do evento girar. Uma primeira edição é feita com um custo bem reduzido, pouca experiência e mil adversidades, mas isso não tirou a magia dos cenários propostos pelos meninos da produção e a galera que construiu as estruturas. Foi providencial utilizar a matéria prima local, reforçando todo o sentido do movimento Trance e seus viés.

"Um fator muito marcante é que apesar do Feliso ser um artista que está rodando vários eventos Trance e o Renan já curtir como público há bastante tempo, nós não temos uma vasta experiência como produtores de eventos. Nós três somos novos nisso. Eu mesmo iniciei há 2 anos" – **José Carlos Campos Ribeiro Neto**, "**Zé**" – Produção Kalachakra Festival.

"*Com todos os adiamentos e cancelamentos durante todo o processo de produção, foi muito difícil manter o foco. No final das contas, foi 1 ano e meio nesse turbilhão de emoções*" – explica **Luiz Felipe Filho**, "**Feliso**" – Produção Kalachakra Festival.

Ter a oportunidade de iniciar o Peppe num festival de **Dark** (com direito a vários LIVES BR) foi muito gratificante, pois é uma das vertentes que mais tocam o meu coração psicodélico. Real! E que line up, caros amigos! Que line up fino!

Com um bom abafador de ruído nos ouvidos, Peppe curtiu muito a pista principal por conta da decoração e durante o dia ele dançou bastante, principalmente ao som do graaaaande **Kadum** e, também, na pista alternativa, onde por vezes dormiu embalado pela ambiência leve da música, onde predominou a música brasileira. Durante a apresentação da **DJ Dani Ohm**, meu filho ficou hipnotizado, fato que me deixou super emocionada e grata ao universo pela experiência tão incrível!

Não menos importante, gostaria de deixar um salve para o querido amigo e **DJ Moskito**, que me fez cantar e dançar clássicos de forró beeeeeem raiz. Eu amooo! Foi "mara", amigoooo!!!!!!!

"*Eu estava morando no Vietnã há alguns anos e voltei para o Brasil recentemente para rever a minha família e passar uma temporada, mas acabou que eu fui ficando, "né"? Bom, eu já estava estudando produção musical há algum tempo, mas ainda não tinha tocado aqui no Brasil, então pensei: "ah, quero achar um lugar para tocar a minha música", mas eu não sabia o que estava acontecendo por aqui, com relação aos festivais. Fui para São Thomé das Letras (MG), e comecei a tocar e saber onde estavam rolando os eventos, e, foi assim que eu conheci o Leo, que me apresentou o Kalachakra Festival. Fiquei um pouco insegura, pois não sabia como eu faria para ir, "né"? Bom, o Leo organizou tudo e por isso estou aqui.*

Eu olhei aquele palco e pensei: Nossa, eu amo natureza, um lugar paradisíaco e essa conexão raiz com a música, bem da terra mesmo. Pensei: "aqui é o meu espaço, o meu lugar."

Eu havia preparado várias músicas para o meu set ser tocado no final de tarde, com o pôr do sol, pois classifico as músicas de acordo com a luz, então, como mudou o horário da minha apresentação para mais cedo, eu alterei todo o set, para um som mais de luz do dia, tocando tracks de aproximadamente uns 30 países, com essa ideia de trazer músicas de luz, com base eletrônica e um conceito cultural importante, pois acredito que todas as músicas devem ter algum elemento cultural, ou seja: alguma reza, algum instrumento específico do país, sempre essa vibe bem raiz cultural do local, bem tribal.

Fiquei muito impressionada com o festival, com as construções, com a qualidade das caixas de som, a vibe, o pessoal. Nossa, aquela vibe gostosa, respeitosa. Foi muito legal a recepção da minha música. Eu comecei a ver o pessoal dançando e pensei: olha, está funcionando!" – explica **DJ Dani Ohm**.

Gente, neste momento da entrevista eu me vi em lágrimas, pois ali eu percebi que tudo tinha dado certo para a experiência com o meu menino Peppe. Ela citou exatamente o momento onde meu filho ficou encantado. Feliz!

Durante a noite, era o momento de ateliê na casa da fazenda, com massinhas, livros de colorir, tintas, lápis de cor, giz de cera e canetinhas, mas fiz questão de levar o Peppe na pista principal noturna, mesmo que um pouquinho, para que ele pudesse ter a vivência por completo, perceber as cores noturnas e sentir a vibração do som. Ele ficou com um pouco de medo da música. Natural, "né"? Mas, valeu a experiência e as noites renderam **lindos** registros nossos.

Faz tempo que sou amante das madrugadas noturnas e o Kalachakra foi um desafio a ser enfrentado, pois com o **Peppinho** eu não poderia ficar na pista a perder de vista, degustando cada sonzeira, ficando acordada por muito tempo. Contudo, fiz um planejamento com Talita, para que nós duas pudéssemos curtir um pouco as madrugadas. Na noite de sábado para domingo, tivemos a "*Noite da psicodelia feminina*", que foi uma sequência com 3 mulheres incríveis (**Keertana** – Mato Grosso do Sul / **Yara** – Venezuela / **WitchMind** – Espírito Santo), pilotando a nave mãe do festival, levando toda a força do sagrado feminino direto do palco para a Pista Para-Tempo. Incrível, "né"? Consegui pegar a apresentação inteira da Yara (tocando pela primeira vez no Rio de Janeiro), enquanto Talita dormia com o Peppe. Ah, como foi bom poder curtir o som de quem eu sou fã.

"*Foi muito bonito, muito familiar, muito mágico. Tudo perfeito, principalmente a atenção da Sra. Patrícia com a comida. Foi muito lindo tocar aqui, com este lugar e as pessoas, o Peppe. "ahahaha!"* – **Yara** – DJ.

Conheci o som desta querida DJ em 2014, enquanto eu produzia o meu primeiro projeto no Trance, o programa de rádio **VibeSom**, em parceria com o meu grande amigo e o mais novo repórter da **Colors DJ**, **Pedro Campos**. Fizemos um episódio sobre as damas do som da noite e **Yara** era uma das artistas em destaque. Depois disso, tive a oportunidade de entrevistá-la pessoalmente para o meu projeto **CONSCIÊNCIA em TRANSE**, no **Origens Gatherig** de 2018, no Rio Grande do Sul e foi a primeira vez que conseguí degustar ao vivo e a cores, "hahahahaha"! Passado todos esses anos, cá estamos no "Hell" de Janeiro ouvindo uma das melhores artistas da cena mundial! **Que** pessoa simples! E que me confessou ser fã do Peppe pelas redes sociais e ficou feliz de conhecê-lo pessoalmente, "ahahahahah"! Amo! Obrigada pelo carinho, Yara!

"*Foi a minha primeira vez tocando no Rio e fiquei muito surpreendida com a reação da pista. Estou muito contente pela oportunidade de pegar a pista com duas mulheres que admiro tanto dentro da nossa cena psicodélica.*

Achei o festival muito lindo, dava para notar o sangue de cada um para fazer acontecer. "Tô" absorvendo tudo ainda" – comenta **DJ Witchmind**.

Foi maravilhoso poder atualizar os meus tímpanos com um sistema de som incrível e um line up de respeito, ah!!!!!!! Na pista noturna, além do som alienígena da **Yara** (**Katayy Records**), consegui desfrutar um pouco do **Kamboo** (**Katayy Records**), um dos artistas que vem se destacando cada vez mais, com um estilo de som marcado pela cadência de rituais espirituais sagrados. Xamanismo puro, gente!

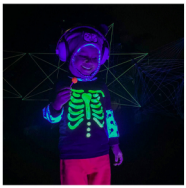
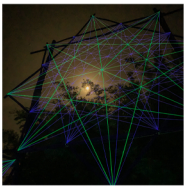
O **Cerrado BR** também esteve presente, com artistas da Resina Records comandando as pickups da pista **Para–Tempo**. Salve, salve **Metatron** e a querida amiga de quarto **Keertana**!!!!!! Degustei da cama e foi difícil dormir, "tá" gente?

Não posso deixar de citar o som de um dos anfitriões, "né"? **Fractoy** mandou ver com seus elementos sonoros borbulhantes, que me levaram a uma viagem fora da matrix. Eu amo!!!!!!!

"*Cara, foi muito foda tocar aqui. Foi um combo de coisas, sabe? Fui muito bem recebida desde a hora que eu cheguei, as pessoas emanaram uma energia muito boa comigo, foi a maior vibe, então na hora de tocar foi uma explosão, sabe? Já estava tudo muito bom, aí eu toquei e ficou perfeito, "hahahaha", com a galera respondendo muito bem, conectados com o som, tanto que, em alguns momentos, eu percebi as pessoas dançando na mesma frequência. Foi uma experiência muito foda*" – **DJ Keertana**.

Eu tentei ficar na pista para ouvir o som insano dos meninos **Dark Notes** (os fundadores da **Katayy Records**, SP), pois me identifico com as suas melodias harmônicas bem arranjadas e sempre gostei de usá-las em meus produtos audiovisuais, mas, quando ia começar a apresentação, Peppe apareceu na pista com Talita pedindo "*mamãe*", então fui ficar com ele no quentinho do quarto. Ossos do ofício materno, viram? Contudo, consegui curtir deitada no quarto mesmo, pois dava para ouvir o som que vinha da pista. E foi essa a canção de ninar de sexta! "Hauhahauhauaauhauhauaahu, lol"!

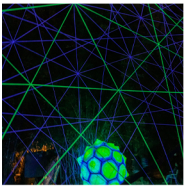
"*Para pensar no line up, a gente pensa com a realidade do que podemos pagar a cada um e, naquele momento, foi muito bom poder contar com a parceria de todos os artistas, com relação aos cachês negociados*" – **Renan Amorim**, "**Henk**" – Produção Kalachakra Festival.

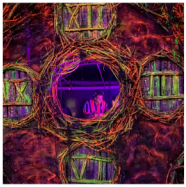



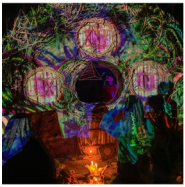
De maneira geral, a minha experiência com o meu filho foi intensa, no sentido de viver algo novo para nós. Para ele, estar num festival foi como brincar num verdadeiro parquinho psicodélico musical, com tios e tias dançantes, lago para nadar e aquela música que fazia o seu corpo vibrar. Os olhinhos de curiosidade diziam tudo! E para essa mãe iniciante que vos fala foi um alívio, "né"? "Hahahaahahah"! Imagina se ele não tivesse curtido? Mas, a experiência superou todas as minhas expectativas. Foi de extrema importância poder contar com o suporte da minha amiga Talita, sabe? Obrigada, minha amiga! Rede de apoio é tudo na maternidade, pois uma criança demanda uma rotina diária, sem fim e conseguir dar conta do recado num festival não é fácil, pois ali não é o local de costume da criança, então, tudo é novidade. A cada descoberta **Giuseppe** foi sentindo que aquele espaço também faz parte da sua vida e com o passar dos dias ele foi se soltando por completo, tanto que fez amizade com as galinhas, cavalos e éguas, além de interagir com as demais crianças que estavam no festival, como a **Nina** e a **Mabel**, a duplinha do barulho, principalmente nas madrugadas, melhor dizendo: levadas! "ahahahha"! A cachorrinha da fazenda não era muito amigável, então, o contato foi menor. Mas, até que ele tentou, "hahahaahah"!

E o que foi a caça aos ovos de Páscoa na tarde de domingo, amigos? Nossa, eu e Peppe nos divertimos demais nas andanças intermináveis pelas montanhas da fazenda, que terminou com uma flauta para cada criança e muitos ovinhos deliciosos sendo degustados na pista alternativa. Foi muito "mara" toda magia deste lindo dia! Obrigada pela maratona, **Coelho Flautista**! "LOL"

Ah, como não citar todo o carinho da **Patrícia** e do **Sr. Beto** conosco, principalmente com o meu filho. Obrigada por liberaram os brinquedos retrôs que estavam guardados com tanto carinho, "hahahahaaha"! Me fez lembrar meus pais com tamanho cuidado. Pat ficou super sobrecarregada com a alimentação (almoço e janta) do festival, já que as pessoas que iriam cozinhar não puderam chegar por conta dos imprevistos dias antes do **Kalachakra**. A praça de alimentação teve que ser improvisada por conta das chuvas e por isso, oferecia poucas opções, não funcionava 24h, e isso foi uma adversidade enorme a ser enfrentada pela produção. Pat, então, teve que preparar almoço e janta sozinha durante todos os dias, para todas as pessoas que estavam ali, seja trabalhando, seja como público. Punk, "tá"? Acompanhei de perto a missão árdua e percebi a mãe do Zé full time descascando legumes, cortando carnes, lavando mil e umas panelas e afins, indo dormir tarde e acordando super cedo, lidando com a ignorância de uma minoria que queria tudo de imediato ("AFF"!), ou seja, operação MIL GRAU! E, no meio disso tudo, ainda tirava um tempo para cuidar e conversar com a gente. De quebra, servia um bom café fresco, pão e biscoitos. Na moral, isso não tem preço!







"Os meus melhores momentos no festival provavelmente foram dentro da casa, comendo um pãozinho com a Patrícia, junto com vocês. Foi maravilhoso" – **Luiz Felipe Filho**, "**Feliso**" – Produção Kalachakra Festival.

"A mãe do Zé (Patrícia) foi a pessoa chave na solução pra isso se desenvolver da melhor forma. A equipe que iria trabalhar na cozinha com todos os equipamentos necessários não conseguiu chegar no evento devido ao temporal e, por isso, ela cuidou dessa parte praticamente sozinha, ficando super sobrecarregada. A praça de alimentação (que seria em frente ao lago da pista alternativa) foi completamente destruída com a chuva que rolou antes do festival acontecer e, por isso improvisamos uma alimentação na pista Para-Tempo" – **Renan Amorim**.

Apesar de todas as adversidades, os meninos me contaram que viram poucas pessoas reclamando. Pelo contrário, o Kalachakra foi visto como um movimento de pura resistência no Rio de Janeiro. Yeahhh!

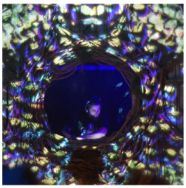
"Pra todo mundo eu perguntava: E aí, foi maneiro pra você? A experiência foi legal? Você curtiu? Fala a real, mano."

Eu fiquei surpreso de como a galera curtiu! O meu esforço para tentar tirar esse peso de quem foi para viver uma experiência ali foi muito positivo! Pessoas falando que foi o melhor festival da vida, algumas frases que me faziam refletir, tipo: "que isso, mano, foi o mesmo festival que a gente viveu??? Tsc, tsc."

Acontece que nós três ficamos tão sobrecarregados, passamos por tantos percalços do início ao fim (inclusive agora), todo este perrengue fez a gente não conseguir saborear tanto a parte maneira, a parte foda do que a gente fez, sabe?

Meu amigo Newton me falou: "Feliso, você realizou o seu sonho. Você fez um festival de Dark no Rio de Janeiro! Não é possível que você não esteja satisfeito, não esteja com uma certa alegria."

Agora, com a poeira baixando, estamos começando a entender isso. Assistindo aos vídeos, olhando de fora eu ia querer me jogar neste festival, "tá" ligado?" – **Luiz Felipe Filho**, "**Feliso**".



Segundo os meninos, eles ainda estão reverberando os prejuízos do festival. Não é só o fato de produzir um evento dar muito trabalho, mas lidar com todas as adversidades, principalmente a falta de resposta necessária para poder pagar tudo. Foi perrengue atrás de perrengue! Contudo, eles entendem que produzir eventos de Psytrance é um investimento a longo prazo e que criaram um movimento onde as pessoas viram que é verdadeiro, de pura doação. Aquele período crítico pós festival está passando, pois conseguiram sobreviver. Ufa! E me contaram que vai rolar a segunda edição, sem sombra de dúvidas, corrigindo os problemas da melhor forma, com uma entrega **cada** vez maior. Neste momento, estão debatendo sobre a próxima data e a questão da duração do festival. Talvez diminuir um pouco, fazer um evento de 3 dias. No próximo **Kalachakra** estão até estudando a possibilidade de ter um espaço com atividades infantis, como oficinas, brincadeiras e tudo que envolve o universo infantil. Opa, eu e Peppe somos presença confirmada então! "Woohoo"!

"O objetivo final nós conseguimos, que foi proporcionar uma experiência marcante para as pessoas. Elas saíram do festival felizes, realizadas e isso é que vai fazer o Kalachakra perpetuar!" – **Renan Amorim**, **"Henk"**.

"O Kalachakra chegou num momento da minha vida que fez eu ter muito mais amigos do Psytrance no meu dia a dia, além de uma transformação pessoal, melhor dizendo: um divisor de águas, não apenas para mim, mas para Renan e Felíso também. Pude inserir a minha família nesta nova aba da minha vida que é a produção de eventos como o Kalachakra. Desde o início, teve este intuito familiar, embrionário, que faz total diferença na hora de produzir um evento. O Kalachakra chegou e hoje faz parte da minha vida como tantas outras coisas que eu dou valor. Não é um negócio a ser feito, uma oportunidade de ganhar dinheiro. Não! Mudou a minha vida em mais de 50%. A família só aumentou!" – comenta **José Carlos Campos Ribeiro Neto**, **"Zé"** – Produção Kalachakra Festival.

"O Trance tem este poder de deixar bons valores e ajudar a moldar a personalidade da pessoa" – **Renan Amorim**, **"Henk"**.

"O que eu acho mais legal é que o Kalachakra cumpriu o papel principal dele, que é proporcionar uma vivência que só um festival traz. Até mesmo um perrengue ou outro que você pode passar, faz parte deste tipo de vivência, sabe? As pessoas que você tem a oportunidade de conhecer, a oportunidade de se conectar consigo mesmo, com a natureza e com a música, que te dão a oportunidade de ser uma experiência transformadora. Não que seja para todas as pessoas, mas eu tenho a convicção de que se a pessoa está aberta para este tipo de experiência que nos transforma, ela sente isso. E esse é o papel mais importante de um festival. Para mim, é muito especial a constatação de que isso aconteceu porque eu sou uma pessoa que foi moldada por festivais. Quando comecei a frequentar eu era outra pessoa.

Eu tive uma transformação de vida, como de olhar certos valores e as prioridades que mudaram muito. Eu, particularmente, gosto muito mais da minha versão atual, depois de ter vivido todas essas experiências em festivais. Não que seja uma questão de ser mais evoluído, mas é algo que fez muito bem para a minha alma, entender que existe um mundo onde as pessoas estão mais abertas, principalmente para sorrir, para abraçar, para se conectar com valores mais humanos e para respeitar as diferenças. Para toda a minha história de uma vida dedicada praticamente a isso, ter essa constatação de que a gente fez a parada acontecer, que a gente conseguiu proporcionar ***esse*** *bem estar para alguém, é muito gratificante! Foi um baita aprendizado, tanto as partes boas quanto as partes ruins, pois hoje somos pessoas mais preparadas para tanta coisa depois desta experiência, sem sombra de dúvidas"* – explica **Luiz Felipe Filho**

"Como ninguém consegue nada sozinho, o Kalachakra só aconteceu por conta da união de muitas pessoas que estavam e ainda estão envolvidas, acreditaram no sonho e fizeram acontecer. Foram muitas adversidades a serem enfrentadas até a gente conseguir conversar abertamente sobre. Eu, Renan e Feliso estamos apenas representando uma grande família que se dedicou para que o evento acontecesse, abdicando de diversas coisas para se dedicar ao Kalachakra. Com isso, a gente foi se fortalecendo, se adequando, um ajudando o outro a amadurecer. Subi vários degraus da escada da vida após vivenciar essa experiência com eles e, de certa forma, este bate papo está ***trazendo*** *uma sensação muito boa ao falar do Kalachakra. Ter externado as nossas vivências e expectativas, coisas que as pessoas não sabem"* – **José Carlos Campos Ribeiro Neto**, "**Zé**".

"O Kalachakra Festival me proporcionou um despertar muito grande. Desde a virada do ano que estou com uma nova visão de vida, relacionado a estilo e pensamento, e, desde então, coloquei um propósito em tudo que eu faço. No festival, eu pude desenvolver várias visões, tive contato com pessoas que abriram a minha mente. Essa experiência dialoga com várias questões do meu ser, uma conexão de "ponte" na minha vida. Poxa, foi muito especial para mim! Foi uma experiência fantástica poder vivenciar um festival altamente psicodélico cheio de gente linda exalando tanta coisa boa, tão pertinho de casa e da forma que eu fui, acompanhante de Peppe! Foi um ***imenso*** *prazer poder contribuir um pouquinho com esse momento tão especial pra vocês que são tão especiais pra mim! O Kalachakra foi um mix de tanta coisa que não saberia descrever com precisão as palavras. A expressão de amor na pureza das crianças, a vontade que tudo dê certo, a alegria e liberdade de sentir o Trance, nas peças de vida que faltam compreender e as que já estão compreendidas na natureza de tudo. Foi lindo demais! "* – comentou **Talita Miguez** que fez parte do público do festival.

Por fim, essa mãe que vos fala no home office da madrugada (03:20) encerra afirmando que foi de extrema importância poder estar presente com o **Peppinho** num festival como o Kalachakra, que representa em gênero, número e grau a resistência psicodélica do Rio de Janeiro. Produzir eventos aqui na "cidade desespero" é muito difícil, sabemos bem! Bato palmas para a produção por todo esforço, e, sou grata pela oportunidade de vivenciar dias tão intensos de magia, com a galera da minha cidade, com muitas pessoas queridas que eu não via há anos. Foi um belo reencontro psicodélico regado a boa música, num imenso paraíso natural que é a **Fazenda Oriri**. Que bom poder conhecer mais um lugar tão lindo!

Guardarei para sempre os momentos felizes com o meu filho e amigos de longas datas, neste espaço tempo onde todos temos ideais em comum e como isso representa a força do Psytrance em nossas vidas. Sou grata!

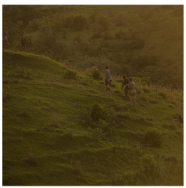
Vida longa ao Kalachakra Festival e um muito obrigado aos meninos que me receberam tão bem. Seguimos juntos nesta longa caminhada árdua da vida, mas também cheia de belezas, fazendo acontecer o movimento Trance brasileiro.

Somos do Rio de Janeiro e temos orgulho de resistir aqui e em qualquer lugar deste mundo. Sempre!

Vida longa ao Psytrance BR!

Para o alto. E AVANTE, **Kalachakra Festival**!

E até a próxima, Colors!



Produção:
José Carlos Campos Ribeiro Neto (Zé) – @produtora_oriri / Luiz Felipe Filho (Feliso) – @fractoy / Renan Amorim (Henk) – @renk_renan

Equipes de estrutura e montagem / decor

Palco Principal e Praça de Alimentação:
Yan de Aguiar – @arborigene_arvores / Breno Suni – @brenosuni / Leonardo Miranda – @geometricbioestrutura / Pedro – @pedrommai_

Pista Alternativa:
Emerson Cestari (Zeh do Cogumelo) – @biofeelings_eco / @mushss.art

String Art:
Welder Mendes – @wellvisionstringart

Vídeo Mapping:
Gustavo – @gusta.visuals

BIANCA MOTTA

REVELAÇÃO

DJ MATHEUS SCHUENCK: O verdadeiro rosto por trás da máscara

Nós da Colors tivemos a oportunidade de conversar com o DJ Matheus Schuenck, REVELAÇÃO, representante da cena open format que surgiu bem na época mais mascarada de nossas vidas, durante a pandemia.

> **“O curso é a base para você se encontrar como profissional.”**
>
> Matheus Schuenck.

Nesse bate-papo, conseguimos saber um pouco mais sobre como foi o começo da sua carreira musical, a sua passagem pelo pop duo **Masked DJs**, a sua nova fase (solo), o seu primeiro lançamento como produtor musical e muito mais. Então venha com a gente ficar por dentro de tudo que rolou nessa entrevista incrível com o nosso DJ revelação deste mês:

Como foi seu primeiro contato com a música? E qual foi a importância da música ao longo da sua vida?

Boa Tarde. Primeiramente, eu gostaria de agradecer e dizer que estou muito feliz com o convite de estar realizando essa entrevista com uma revista que tem matérias com vários DJs que eu admiro muito.

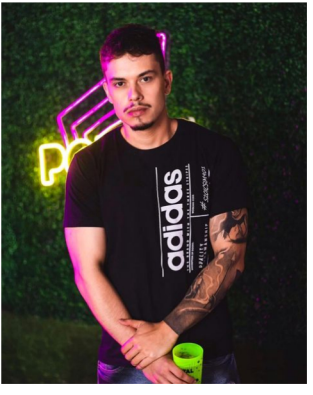
Quanto ao contato com a música, desde muito novo, com cerca de 5 anos, eu já pedia CDs de presente, gostava muito de **Sandy e Júnior**, e as trilhas sonoras de filmes e novelas chamavam-me muita atenção. Por volta dos 11 anos, já na pré-adolescência, na fase de escola, eu era muito introspectivo, não me encaixava com nenhum grupo da escola, sentia-me uma pessoa sem imponência, sem relevância pro ambiente e a música foi se tornando uma válvula de escape onde eu encontrava poder, otimismo e autoconfiança.

Eu passei a gostar muito do chamado na época de Hip Hop/Pop Internacionais, que musicalmente falando foram o auge dos anos 2000. Eu não perdia um **DISK MTV**, ou **TOP VH1**, na minha cidade também tinha um **TOP 10 Play TV**, tinha muitos DVDs também chamados de **Vídeo Tracks** onde havia vários clipes internacionais.

> **“...ser um DJ não funcionaria para aquela minha realidade pelo medo, visibilidade e vergonha.”**
>
> Matheus Schuenck.

Por volta dos 17 anos, eu fiz um curso de Produção Fonográfica, onde também tinha módulo sobre curso de DJ, eu gostava muito da mixagem, mas eu vinha de uma adolescência introspectiva e quieta de uma cidade pequena, então, ser um DJ não funcionaria para aquela minha realidade pelo medo, visibilidade e vergonha. Não tinha nada a ver comigo, apesar de eu amar música. Tentei ir para uma faculdade de Produção Fonográfica na capital (RJ), aos 18 anos, porém por motivos pessoais, fiquei na minha cidade e a minha vida foi tomando outros caminhos profissionais.

Realizei a faculdade de Educação Física, passei em concurso público e, paralelo a isso, festas tornaram-se constantes na minha vida, quando eu comecei a ir com 18, falaram que ia ser uma fase, mas essa fase nunca passou, eu gosto de festas até hoje "rsrs".



Quando você decidiu fazer da música a sua carreira?

Uma amiga/irmã de infância (**Luciana Petrillo**) se tornou DJ, ela gostava muito que eu ia com ela, pois os UBERs e certos contratantes gostavam de assediá-la por ser mulher e estar na noite, quando não tinha a presença de um amigo e isso estava desgastando muito ela. Fui vivenciando essa vida como acompanhante de um DJ, até que, em 2019, eu subi num palco e vi que toda aquela minha paixão pela música poderia ter um caminho.

Como foi a busca por esse curso de DJ e produção musical? Você acha que foi para você um divisor de águas?

Busquei o curso da produção musical quando eu tinha 17 anos e o de DJ em 2019. O curso é a base para você se encontrar como profissional, entender do complexo e fascinante mundo da música, o curso me deu muita confiança.

Que outros artistas da música de alguma forma te influenciaram e ajudaram na criação e formação da sua identidade musical?

Quanto aos artistas do mainstream seria injusto eu citar alguns, pois são vários dos anos 2000 que moldaram a minha personalidade e a entrevista ficaria muito grande rs.

Acho que a minha identidade musical está numa construção constante de um equilíbrio entre o que eu quero ser e qual o caminho a música pop está migrando.

O meu primeiro contato com uma festa POP foi numa chamada **Wallpaper** (Rio) em 2012/13, e eu fiquei envolvido com as batidas das músicas normais (sem remix) mixadas entre si. Posso dizer que aquele primeiro contato me fez saber que existia o DJ de Pop, onde eu passei a admirar o **Thiago Araújo**, **Felipe Mar**, **Guilherme Acrizio**, **Giordanna Forte**, **Fernanda Fox**, **Bruna Strait** que foram os primeiros DJs Pop que eu presenciei.

Sempre admirei também o trabalho da família **Petrillo** (Lucío, Luciano e Lu) **Kokadah**, e **DJ Shark** (Hip Hop) que tocam muito em Nova Friburgo.

Como surgiu o projeto do Duo Masked DJ? Como se conheceram? E como foi o processo de construção dessa identidade de dois DJ usando máscaras?

Nos conhecemos na infância, sempre moramos um do lado do outro, fomos criados juntos, e como eu relatei acima da Luciana ter se tornado DJ e gostar/precisar da companhia de alguém para as apresentações, eu passei a gostar também da vida de apresentação do set ao público.

Na pandemia, eu resolvi mergulhar de cabeça nos meus desejos mais ocultos, mas eu também sou diretor de uma unidade de saúde, então eu tinha medo do status de DJ atrapalhar a minha outra profissão, pois a galera tem preconceito com esse perfil (o cara tatuado que toca e dança **tik tok** na noite que gerencia uma UBS).

Contudo, a vida artística estava me tirando o sono de tanta vontade que eu estava de vivenciar aquilo, então as máscaras me escondiam, mas eu conseguia viver aquela emoção "rsrs" e eu queria algo profissional, não queria apenas fazer festas de aniversários ou iniciar no bar do bairro ficando atrás de uma mesa de som parado, eu queria fazer algo que chamasse atenção, nem que fosse de forma engraçada.

De forma bem planejada, investimos em redes sociais, roupas, pirotecnia, vídeo maker, registros, scripts e muita música boa.

Você acredita que ter começado a sua carreira num Duo e usando de um personagem de máscara te ajudou de alguma forma? Seja a construir a sua segurança e presença de palco? E como era a reação do público? Rolava essa curiosidade de quem estava por trás da máscara?

Foi muito bacana, pois ao comandar uma festa de máscara você esconde todo o seu nervoso do seu semblante "rsrs". Quanto ao público, uns vibravam, uns riam, uns falavam mal, mas todos notavam a presença.

Você, mesmo com pouco tempo de carreira, já teve a oportunidade de tocar em grandes casas noturnas e eventos, a que atribui esse crescimento tão rápido? E que momento te marcou mais enquanto artista até o presente momento?

Abracei oportunidades e me dediquei muito, após planejamento do que eu almejava, do meu marketing pessoal, humildade e muito respeito com quem começou antes, além de muita paixão pela música e esforço para estar no lugar e hora certa com as pessoas certas e com a conduta correta. Eu já me apresentei em várias cidades especiais, mas, graças ao selo pop **Pink Flamingo** e ao Thiago Araújo, pude apresentar-me em um dos camarotes da **Marquês de Sapucaí** no dia dos desfiles e também no **MAM**, e também, foi muito emocionante estar no **Carnaval de Friburgo**, onde a cidade estava com milhares de pessoas em frente ao palco da praça pulando ao som de um electro-house (2011). O vídeo tá no meu Instagram "rsrs".

Assista: Pré Carnaval nos Jardins do MAM.

Assista: Trecho do SET do Pré Carnaval.

Você acabou de lançar a sua primeira música, como foi esse processo de criação? E o que o público pode esperar do Matheus Produtor? Tem mais novidades a caminho?

Um processo muito trabalhoso, eu fiz junto com outro produtor **Bernardo** que possui um estúdio bem completo. Requer muita dedicação e muita paciência, até chegar ao resultado final você faz praticamente umas 30 versões da música "rsrs".

A faixa é voltada para o instrumental, que é a parte que mais atua o produtor.

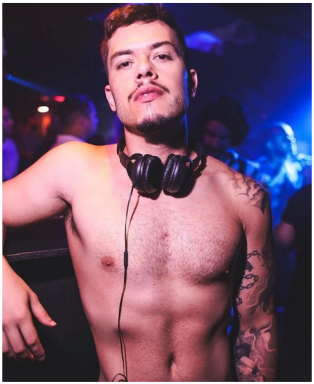
Eu gostei muito dela, pois ela remete a um pop de cena underground com sample de hip hop e um drop insano. A missão dessa faixa não é ser algo grande. É até mesmo difícil de encaixar nos sets de alguns eventos que eu faço, mas ela servirá para me fazer aprender a lidar com o mundo das plataformas digitais de música.

> **"Quando a gente é artista sem investimento, a gente vai colocando esforço nas nossas ações e esperando o melhor."**
>
> Matheus Schuenck.

Vai ser uma faixa sem investimento, então, eu optei por algo que não precisasse ser comercial ou viral e, sim, rico em elementos de produção.

Quando a gente é artista sem investimento, a gente vai colocando esforço nas nossas ações e esperando o melhor: espero que eu consiga fazer mais projetos musicais bacanas como produtor. Para 2023, já sabendo lidar com as plataformas digitais eu pretendo realizar um lançamento maior.

Ouça: Insane Drop



Quais são os seus planos para o futuro ? Onde o DJ e produtor Matheus Schuenck se vê daqui a 5 ou 10 anos?

Eu espero já ter realizado turnês, ter colaborado com algum artista de notoriedade, ter feito festas pops grandes, ter dividido line em eventos com artistas do mainstream, ter levado o meu som a muitos lugares e públicos.

INSTAGRAM

SOUNDCLOUD

RODRIGO IZAÚ

ENTREVISTA

Bruno Rezende aka Neraz, o nome por trás do Tracks Insanas

DJ, produtor de conteúdo, fomentador da cena underground, um verdadeiro entusiasta da música eletrônica.

Bruno Rezende é natural de Sorocaba. Em 2012, começou a frequentar o universo underground e rapidamente teve a iniciativa de gerar conteúdos que contribuíssem com o fomento dessa subcultura no BR. Ele nos contou um pouco sobre as suas experiências nesse universo, falamos principalmente sobre a criação e atual momento do seu canal de Podcasts, o Tracks Insanas, que é hoje um dos canais mais ativos do país e que aniversariou no mês de Julho.

> **“temos que parar de nos concentrar num nicho de artistas e dar oportunidade para todos que fazem um excelente trabalho.”**
>
> Neraz.

Neraz / Foto: Bruno Fiorelli @bruno_fiorelli.

Olá Bruno, como vai? Primeiro queremos agradecê-lo por nos ceder essa entrevista. Você se envolveu com diferentes projetos na música principalmente na sua cidade, Sorocaba. Toda essa movimentação mostra uma vontade de fazer algo acontecer, qual é esse objetivo?

A ideia sempre foi tentar passar o máximo de conteúdo nas vertentes do Techno, seja através de um evento ou com o trabalho no **Tracks Insanas**. Hoje o meu objetivo é consolidar o Tracks Insanas, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, mantendo o conceito de dar espaço para todos os artistas, seja através da gravadora, dos podcasts ou de um determinado evento. Penso que essa abertura é o que falta na cena nacional, temos que parar de nos concentrar num nicho de artistas e dar oportunidade para todos que fazem um excelente trabalho.

Quais são suas grandes influências musicais?

As minhas principais influências atualmente são artistas que trabalham com um BPM mais alto, variando do Acid, Hard, Industrial e Rave. Não fico fixo em um ou outro artista, então todos esses são referências para mim.

> **O que no início era para ser só um grupo de Facebook que criei para postagem de conteúdo, se tornou um dos canais mais ativos e respeitados da América Do Sul quando se fala de techno underground.**
>
> Neraz.

Como surgiu o Tracks Insanas?

O Tracks Insanas surgiu em 2015 como um grupo de Facebook que tinha como ideia postar tudo o que vinha acontecendo na cena nacional e internacional, com a abertura para todos os conteúdos da música eletrônica. Ao passar dos anos, tivemos várias mudanças, a criação foi totalmente espontânea, não planejei nada e tudo foi acontecendo naturalmente. O que no início era para ser só um grupo de Facebook que criei para postagem de conteúdo, se tornou um dos canais mais ativos e respeitados da América Do Sul quando se fala de techno underground.

Logo Tracks Insanas / Arte: Vinicius Amaro.

Conte como é o processo de curadoria do podcast?

Basicamente, o processo de curadoria do podcast consiste em dar abertura pro artista mostrar o seu trabalho, seja ele conhecido ou não, de todas as nacionalidades, estando dentro da nossa proposta. Ultimamente, estou lançando de acordo com a ordem de chegada do material dos artistas pela grande demanda que tenho com os podcasts.

Ao realizar a curadoria, quais são seus critérios?

O principal e mais importante critério é a linha de som corresponder com a nossa ideologia, além do set estar numa qualidade de gravação boa, pedimos sempre a biografia e a foto do artista para podermos apresentá-lo através da foto de capa e da descrição do podcast.

Neraz / Foto: Bruno Fiorelli @bruno_fiorelli.

Neste mês de Julho, o Tracks Insanas comemorou 7 anos, e para prestigiar essa data você lançou um V.A. (Various Artists). Fale sobre esse material (Como foi a escolha dos artistas e todo o processo de criação).

A escolha dos artistas foi basicamente relacionada aos podcasts, já que a maioria dos nomes que vou lançar no V.A. já trabalharam conosco. Desde o ano passado, eu vinha pensando sobre esse lançamento, fui moldando as ideias e com o apoio de algumas pessoas próximas, fui criando de acordo com a nossa proposta musical, já que é uma forma de comemoração aos nossos 7 anos.

Neraz / Foto: Bruno Fiorelli @bruno_fiorelli.

O que você espera conseguir com a realização desse V.A.? Tem alguma meta, ou é só uma maneira de comemorar os 7 anos do canal?

Espero cada vez mais que o Tracks Insanas fique conhecido como uma gravadora que faz um trabalho profissional e que sempre estaremos abertos aos artistas, mostrando que no Brasil também existem pessoas tentando fazer algo diferente pela cena nacional e internacional.

Você pode nos contar um pouco sobre alguns dos artistas que irão participar do V.A.?

Esse V.A. conta com 13 artistas, sendo 5 deles artistas nacionais que vem fazendo um grande trabalho na cena nacional. **Kreuz**, **Lucas Martins**, **Matheus Rocha**, **SZG**, **DOSTROIC** e **Wendell Lopes** são os nomes nacionais que estão com a gente nesse lançamento. Também, já lançamos o álbum do duo **DOSTROIC** e do artista **Vilella**.

O Tracks Insanas é hoje um dos canais que mais lança podcast no Brasil certo? Você tem alguma dica para canais que querem crescer?

Ser constante nos lançamentos e dar espaço para todo artista que está procurando mostrar o seu trabalho dentro da sua proposta, sendo ele conhecido ou não.

Arte: Bruno Rezende @_neraz.

E o seu projeto com DJ, quais os planos para o futuro?

O meu projeto de DJ no momento está pausado. Nesses últimos anos, passei por diversos processos de mudança desde quando comecei a tocar e a ideia é voltar com uma nova proposta de som que venho absorvendo e estudando junto com os eventos do Tracks Insanas.

INSTAGRAM

SOUNDCLOUD NERAZ

SOUNDCLOUD TRACKS INSANAS

TIAGO JERÔNIMO

ENTREVISTA

Naska Regina: "Linhas que se destrincham em muitos caminhos como serpentes eloquentes"

Nazca são geóglifos pertencentes ao Sul do Peru. E, como toda figura é feita por linhas, sejam elas retas ou não, quando se destrincham se tornam linguagem.

Hoje, a **Colors DJ**, em parceria com o **Papo de Trava de Kukua Dada**, estará entrevistando ela, **Naska Regina**, uma existência transfeminina digna de ser tópico da seção I.D. por ser multipotente e multivariada. Uma gata nata que ama serpentes.

Sobre quem é Naska, como a mesma surgiu, quais seus desafios vividos e interseccionalidades e visões. A Colors está ansiosa em te mostrar um pouco do mundo dessa Nassska, vamos lá?

Naska, venha cá. Conte a Colors sobre esse nome que lembra Alaska? Ele tem conexão com sua trajetória artística e musical?

Acredito fortemente que o nome Naska tem conexão com vidas passada: passei dois anos da minha vida procurando um nome que fosse único e agênero (apesar de hoje só querer ser tratada pelo pronome feminino que é o que sou) escolhi "Nassska" por ter uma entonação que remete às cobras, pois sou fascinada por elas. Depois de um tempo, um uber me questionou se eu sabia o significado da palavra e me explicou que existem linhas misteriosas no chão do Peru que se chamam "linhas de nazca" são mais de 140 desenhos, acredita-se que os geóglifos encontrados foram criados entre os anos de 100 a.C. e 300 d.C. Ninguém sabe exatamente como isso foi parar **ali**, o mais curioso é que umas das formas é uma cobra. Talvez, eu não descubra o significa disto nesta vida, mas fica o questionamento… Regina é uma homenagem a minha mãe, Dona Regina, precisava de um pedaço dela comigo.

O início de Naska, quero que você destrinche de forma resumida como nasceu essa potência artística que é você hoje.

Sempre soube que para mudar a realidade da minha vida precisava me esforçar bastante, pois não nasci privilegiada. Desde cedo, comecei a me inscrever em cursinhos na área de moda e com muita persistência e insistência acabava ganhando **bolsa,** através dos conhecimentos adquirimos formei meu brechó (@rendasebrecho), onde fazíamos o styling e saiamos pelo centro de São José dos Campos, minha cidade natal, para produzir e vender nossas peças, claro que isso **só** foi possível pois tive ajuda de amigues.

Linhas de Naska, figura mostra uma cobra de duas cabeças, pronta para devorar dois seres humanos.
Foto: Universidade de Yamagata / BBC News Brasil.

O brechó por si não rendeu lucro nenhum, mas me deu portfólio para pessoas que eu amo de SP me notar e me dar uma oportunidade como assistente de figurino no cinema nacional, que é a principal profissão que exerço hoje.

Naska Regina./ Foto: Divulgação.

Quais são os trabalhos que você mais se orgulha de ter feito? E quais são os trabalhos que mais marcaram seu início de carreira?

O primeiro a gente nunca esquece: foi o "Todxs Nós" da HBO direção de Vera Egito e os figurinistas que mais amo no mundo: Aline Canella e Bruno Correia. Esse job foi um marco, pois foi ali que aprendi tudo do começo e me apaixonei pela profissão. Já, o "Manhãs de Setembro" da Amazon Prime 2° temporada (que lança dia 23 de setembro) tem a outra metade do meu coração, foi lindo ver um set formado por sua maioria mulheres trans e travestis. Fora que Liniker, Linn da Quebrada e Danna Lisboa são perfeitas como profissionais e pessoas, nunca foi tão gostoso trabalhar.

Sobre sua carreira como figurinista: como você se sente em relação ao mercado e às oportunidades de trabalho?

O mercado precisa ser mais inclusivo, pois existem poucas de nós ainda exercendo esta função… É necessário que nos dêem um voto de confiança, pois devido às nossas vivências e experiências temos outras visões de mundo para oferecer e novos conceitos a serem explorados, afinal, nós somos o futuro. Quando o sistema nos dá uma oportunidade, ele nos tira da marginalidade e faz com que possamos viver de forma digna aumentando assim nossa expectativa de vida, que ainda infelizmente segue sendo pouca no país que mais mata travestis e transexuais no mundo, 35 anos.

Agora, Naska, nos responda: quais são suas maiores dificuldades por ser uma pessoa trans em relação a questões profissionais?

O sistema ainda consiste muitas vezes em nos colocar num lugar de marginalidade, mas, felizmente hoje, estamos criando forças e potências para conquistar espaços e desconstruir essa imagem. A maior dificuldade é conseguir a oportunidade… Eu demorei muito tempo para conseguir meu primeiro emprego devido a meu estilo nada discreto, mas como nunca fui de ficar parada, ia atrás de cursos para poder me capacitar e realizar meus sonhos. Nunca foi fácil, mas desistir não era uma opção.

Você é residente de uma festa em São Paulo já, nos conte sobre isso e também sobre quais outros lugares você gostaria de tocar?

Ainda no ano de 2022, aprendi a tocar com minha amiga e multiartista, Gangrena. Logo, ganhei uma controladora feita por uma vaquinha de pessoas que eu amo muito e acreditam no meu potencial. Vimos que dali poderíamos fazer história na cena e montamos o coletivo que hoje podemos chamar de Festa Diagonal, a primeira edição foi tão memorável que seguimos realizando o rolê mensalmente, inclusive na rua, com performances, sets e ideias diferenciadas. É como se tivéssemos formado uma família e fico muito feliz e orgulhosa de ver que isso tem tomado uma grande proporção em apenas alguns meses de festa. Hoje, pretendo expandir meu conhecimento e pesquisas como DJ e sonho em tocar em festas onde eu iniciei meu movimento underground como Mamba Negra, Sangra Muta, ODD e, se não for pedir muito, em eventos internacionais.

Naska Regina./ Foto: Divulgação.

Quem são suas inspirações musicais que auxiliam no seu processo criativo. E suas inspirações de moda?

Posso dizer que existem gêneros musicais que auxiliam no meu processo criativo como o House, a famosa batidinha chique que vem ganhando cada vez mais notoriedade. A House music surgiu nos clubes undergrounds no final da década de 70 pela comunidade negra e LGBTQIA+. Hoje, existem várias vertentes de som da mesma. A cantora Azealia Banks é um ótimo exemplo disso: mistura seu rap com house, apesar do seu caráter duvidoso, a admiro muito como artista, assim como Kanye West. Entre outros músicos fora do mainstream como Eartheater, Virgen Maria, Arca, Sevdaliza e as mais conhecidas Charli XCX e Lady Gaga. Não posso deixar de mencionar que amo e toco muito o Funk, fico arrepiada quando solta o mandelão. É chocante como eles conseguem fazer com pouco recurso um som revolucionário que está tomando o mundo.

Por fim, sempre acreditei que a moda e a música andam sempre de mãos dadas, Lady Gaga foi minha primeira referência fashion. Lá em 2008, eu já queria ser ela. Hoje, me sinto a mesma só que na pele de Naska Regina. Minhas inspirações de moda são mutáveis, mas hoje sou obcecada por marcas como Margiela, Rick Owens, Mugler, Balenciaga, Diesel, Marc Jacobs e minha melhor amiga Guma Joana com a qual já assinei o style duas vezes para Casa de Criadores.

Naska Regina./ Foto: Divulgação.

Toda pessoa trans é naturalmente potente de ser multiapta: como é sua visão e como você se sente sendo uma mulher trans e estando inserida nesses meios artísticos da moda e da música?

Me sinto sortuda, mas sei que tudo que conquistei foi mérito dos meus esforços, pois eu nunca fiquei parada, sempre corri atrás dos meus sonhos e, mesmo com pouco recurso, eu criava, inclusive na pandemia onde eu ia para as montanhas do interior de bicicleta me fotografar sozinha. Uma hora alguém me notou, acreditou em mim e me cedeu uma chance. Fico triste em pensar que nesse mundo existem pessoas trans e travestis tão boas e esforçadas quanto que não tem as mesmas oportunidades, por isso que, assim como as irmãs e irmãos transexuais do passado que deram a cara a tapa e deixaram seu legado, quero fazer minha parte e fazer deste um mundo melhor e mais justo para a nova geração trans que existe e está por vir

Sua relação com sua família é boa hoje em dia?

Fui criada só pela minha mãe, Dona Regina uma leonina super protetora, que precisava deixar eu e minha irmã Bruvine sozinhas desde pequenas para poder nos sustentar, já que não tínhamos auxílio do nosso pai. Crescemos dentro de uma estrutura evangélica, mas apesar de sempre saber que não pertencia aquele lugar fui muito feliz na minha infância com brincadeiras simples junto com minha sis. A adolescência foi um tanto turbulenta, mas superamos. Hoje minha mãe é meu maior porto seguro, ela me protege, me ampara e me defende. Conseguimos ter uma boa relação, amo quando ela vai no brechó e me traz saltos que acha que são a minha cara. Minha irmã é minha preciosa, temos pouca idade de diferença, um ano e meio. Ela é inteligente e tudo que não sei fazer, peço ajuda a ela. Recentemente minhas tias e primas por parte de mãe têm frequentado mais nossa casa no interior, deixando as tardes de domingo mais agradáveis. Toda vez que viajo, elas fazem questão de ir me ver, me respeitam e me aceitam do jeitinho que sou, sou muito feliz com elas.

E, para finalizarmos, nos conte sobre objetivos e perspectivas profissionais. Vem algum projeto por aí?

Com certeza, sim, recebi o convite para participar da equipe da revista Colors DJ e fiquei muito feliz e realizada. Artista que é artista se arrisca e faz acontecer de tudo um pouco. Eu amo aprender, sei que isso vai agregar muita coisa boa na minha vida e como falamos aqui mais de uma vez: preciso agradecer de coração por esta oportunidade que estou recebendo. Fora que esse ano ainda teremos mais desfiles para Casa De Criadores e eu estarei junto com minha maior Guma Joana, além do lançamento da segunda temporada de Manhãs de Setembro. Espero continuar fazendo tudo que amo e que não nos faltem jobs. Eu prometo que irei dividir toda minha vitória e conquistas com toda minha comunidade em prol de uma vida digna e melhor, pois nós somos o futuro.

Créditos das Fotos:

ph: @ot0lina
beauty: @m431n4
styling: me y @ot0lina

Naska Regina./ Foto: Divulgação.

PAPO DE TRAVA
(KUKUA DADA)

COLUNA

PALAVRIADO: ser homem gay

Repare uma coisa. Cada pessoa que você conhece tem características visíveis e não visíveis, as quais te faz reconhecê-la como sendo uma pessoa única, no entanto, você consegue reconhecer semelhanças desta pessoa com outras pessoas e seus lugares. Veja bem, estou falando de identidade, estou falando de ser, cujo significado de acordo com o **Dicionário Online de Português** tem a ver com particularidade, capacidade, condição ou determinada circunstância. A visualidade da nossa identidade é nossa imagem, resultado de nossas relações com o mundo, com os outros e com a gente mesmo e aquilo que não é visível passa pelo mesmo processo. Isso acontece com **todo** mundo. Nossas identidades são forjadas no dia a dia de nossas relações desde quando nascemos. Bom, vou focar nas identidades gays conforme já havia dito no artigo anterior, por isso, para começo de assunto, vamos pensar um pouco acerca da questão: **o que é ser gay?**

Não vou usar o termo homossexual, porque a homossexualidade é uma categoria criada para diferenciar e controlar homens e mulheres fora de um padrão imposto de sexualidade. Mais para frente discutiremos este tópico. Eu vou usar o termo gay, justamente, porque acho que ele representa maior amplitude para se imaginar a figura de homens fora do padrão heterocentrado.

Nesse sentido, segundo explica o site **Etimologia**, a palavra gay é identificada "*como um empréstimo do inglês, generalizando-se para indicar o indivíduo homossexual a partir de seu comportamento jovial e leve, cuja referência se distingue no francês gai, entendido como aquele que expressa um caráter alegre, associado ao alto alemão gāhi, indicando um estado de surpresa repentina, refletindo-se no espanhol antigo como gaio, no catalão gai, no italiano gaio e no espanhol gay, emergindo em todos os casos sobre uma possível raiz no occitano a partir das formas gai, jai, por alegre. A relação com a homossexualidade remonta ao início do século XX nos Estados Unidos, lembrando que a primeira manifestação do Orgulho Gay ocorreu em Junho de 1970, em Nova York*". Além disso, modernamente, atribuímos o termo gay mais aos homens. Partindo disso, posso dizer que há um leque de diferentes tonalidades para ser um homem gay, porque me parece que a centralidade da identidade gay é ser alegre, é se distinguir do comportamento comum aos outros homens, é fugir de uma atitude socialmente controlada. É importante dizer que em tempos anteriores, bem antes do uso do termo gay, os homens gays eram chamados de outros nomes, inclusive, de homens alegres. Enfim, me parece que a alegria na verdade está relacionada ao jeito de homens gays se comportarem, falarem, encararem a vida que se mostrava diferente da maneira de outros homens.

Sempre me incomodei com esta coisa de pessoas, amigos, familiares falarem: "*Ah! Mas você não é homem. Você é gay.*" Na minha cabeça, eu pensava: "*Espera! Eu sou homem que gosta de homem*", ser gay é ser homem, uma coisa não exclui a outra. Aí, eu pergunto: quais são os sentidos sociais presentes nesta declaração? Com o tempo eu fui tendo contato com leituras, filmes, pessoas que me ajudaram a elaborar isso na minha cabeça. É uma declaração frequente na boca de homens e mulheres do nosso convívio diário, então é um discurso já incorporado, se tornou uma "verdade".

Quando alguém diz: "*você não é homem*", este alguém está negando a humanidade e todos os direitos que um homem gay tem sobre essa humanidade comum entre os homens, pactuada por meio da masculinidade e, quando diz "*você é gay*", está coisificando a pessoa, reforçando o caráter inumano e colocando numa posição de objeto. E qual é o tratamento que se dá aos objetos? Um objeto tem valor utilitário. Você usa para determinado fim, mas não precisando mais, você o desconsidera.

Dito isso, vamos aos modelos de masculinidades gays. Vou começar com o modelo de masculinidade mais conhecido, mais usual, mais privilegiado, mais valorizado, mais desejado, ou seja, o hegemônico. Não sou eu que estou conferindo toda essas honrarias a este modelo, foi a sociedade que fez isso ao longo dos anos. O modelo hegemônico se estabeleceu como o padrão-normativo, é uma referência explícita e recomendada para todos os homens. Observe que a maioria dos homens tem pelos pelo corpo, valorizam o corpo forte, trejeitos robustos, rejeitam comportamentos que expressam sensibilidade, delicadeza, fragilidade, buscam mostrar frequentemente uma personalidade ativa, cheia de vigor e potência sexual (predação sexual).

Os homens gays mais próximos dessas características são considerados mais masculinos e, quanto mais um homem gay se distância disso, mais ele vai perdendo valor em masculinidade e vai sendo desviado para o feminino. Logo, quanto mais parecido com o padrão mais homem, quanto mais distante do padrão, menos homem.

Veja bem, não estou falando de certo e errado, estou falando de construções socioculturais que deram origem a uma referência "natural" para os homens (na verdade, se naturalizou, o link ajuda a entender isso:
https://cafecomsociologia.com/ensino-de-sociologia-desnaturalizacao-naturalizacao/). Só que não existe um modelo natural, não existe um modelo de masculinidade feito pela natureza, não existe nenhum órgão do corpo humano que produza a masculinidade, nenhuma substância do organismo é capaz de fazer isso. A masculinidade não se centra no pênis e o pênis sozinho não determina a condição de ser homem, por essa razão encontramos por aí formatos plurais de masculinidades.

É importante destacar as identidades gays nas fronteiras. Uma fronteira é uma linha que divide territórios e até mesmo zonas morais. É conhecida principalmente por ser um limite político e separar grupos de pessoas, mas, geralmente, essas pessoas podem se movimentar livremente dentro das fronteiras de seus próprios territórios ou zonas, porém, para entrar em outro grupo precisa de uma certa "permissão" ou um certo conhecimento do mesmo e fazer uso disso para transitar. Lembrando que até mesmo grupos de pessoas têm sistemas políticos semelhantes ou acordos pré-negociados, suas fronteiras podem ser abertas e não defendidas. Tomando isso de forma literal e também metafórica, podemos destacar as identidades que se movimentam constantemente nas fronteiras. De modo geral, são móveis, flexíveis, subversivas, rebeldes, corajosas, capazes de movimentar a hierarquia dos modelos masculinos, a qual luta para se manter imóvel. Nesse grupo, não há um padrão único, há, na verdade, um encontro, ampliando tipos, expressões e vivências. Tem um pouco de masculino e de não masculino, de feminino e de não feminino e outras possibilidades de ser, participar e expressar.

Quero terminar este artigo lembrando que existe uma sequência desse assunto que se desdobrará nas próximas publicações, pois nelas irei abordar outros tópicos relacionados às identidades gays. Então, não vou concluir por aqui, aliás nem que eu quisesse esse assunto não se conclui. O próximo tópico é sobre homens gays "se passarem" por héteros.

Caso você queira ler um material mais completo e amplo, eu indico a minha dissertação de mestrado, disponível no Banco de Teses da EACH/USP.
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-22072022-125402/pt-br.php

SAVEDA

COLORSdj

NOSSA EQUIPE

Diego Aganetti - Fundador e CEO

EDITORES:
Diego Aganetti
Kukua Dada
Orly Fernandes

CHEFES DE REPORTAGENS:
Diego Aganetti
Rodrigo Izaú
Rodrigo Sobrinho
Thiago Torres
Tiago Jerônimo

MÚSICA

Bianca Motta
Cássio Rocha
Diego Aganetti
Orly Fernandes
Papos Psicodélicos
Rodrigo Izaú
Rodrigo Sobrinho

PROFISSÃO

Tiago Jerônimo

I.D.

Kukua Dada

VOZES

Saveda

CONTATOS:

POP - imprensapop@colorsdj.com
TRIBAL - imprensatribal@colorsdj.com
UNDERGROUND - imprensaunderground@colorsdj.com
HISTÓRIA - imprensahistoria@colorsdj.com
PROFISSÃO - imprensaprofissao@colorsdj.com
I.D. - imprensaid@colorsdj.com
VOZES - imprensavozes@colorsdj.com

IVAN T. DESIGN STUDIO
www.ivantdesign.com.br